

Correio das Artes

Suplemento
literário do
Jornal A União

Novembro - 2022
Ano LXXIII - Nº 9
R\$ 12,00



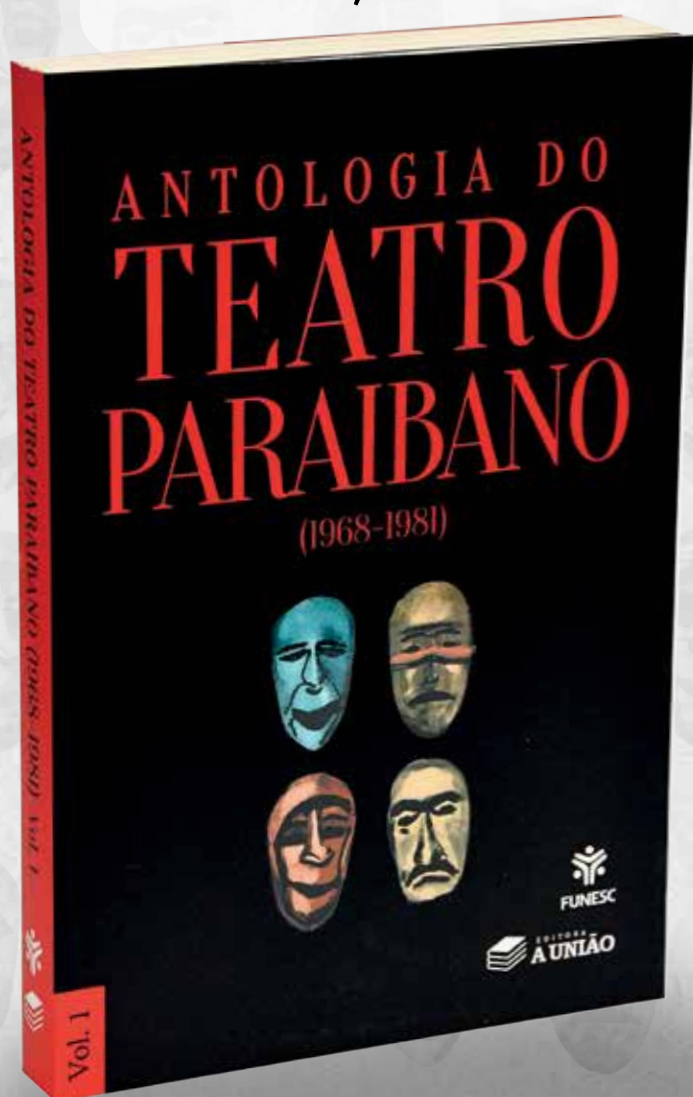
Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 12,00



Cinema e ativismo

Homenageados pelo Fest Aruanda 2022,
os atores Zezé Motta e Tony Tornado
falam, com exclusividade, sobre a carreira
e a luta por igualdade racial


Organizada por **Diógenes Maciel**, **Monalisa Colaço** e **Suzy Lopes**, a *Antologia do teatro paraibano* tem o selo da **Editora A União** em mais uma parceria com a **Fundação Espaço Cultural**. A obra reúne cinco peças que marcaram o teatro paraibano entre os anos de 1968 e 1981, constituindo-se como importante referência na literatura que versa sobre a arte teatral do estado. Essa publicação destaca os textos, os autores e adaptadores, trazendo, inclusive, registros fotográficos que enriquecem a experiência do leitor, fazendo uma ode à memória.



LANÇAMENTO

 **14 de dezembro**

 **18h**

 **Fundação Casa José Américo,
Cabo Branco**

 **@editoraauniao**

 **EDITORA
A UNIÃO**

 **EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO**

Da arte ao ativismo social

Mais uma vez, o **Correio das Artes** dedica sua edição de novembro a um especial sobre a sétima arte. Ancorada na realização do Fest Aruanda do Audiovisual Brasileiro, que neste ano de 2022 chega à sua 17ª edição, a septuagenária publicação paraibana reúne reportagens, perfis e entrevistas exclusivas com alguns dos protagonistas do evento.

Nesta edição, o leitor irá encontrar, de largada, duas entrevistas com dois nomes consagrados do cinema, televisão e da música. São eles Zezé Motta, estrela do filme que abre o festival neste dia 1º de dezembro, 'Xica da Silva', e Tony Tornado, ator e cantor, famoso tanto pelos papéis que viveu na tela, quanto nos palcos, já que é tido como um dos artistas que apresentou, ao Brasil, a soul music e o funk norte-

**Nesta edição,
o leitor irá
encontrar duas
entrevistas
exclusivas com
dois nomes
consagrados
do cinema,
televisão e da
música: Zezé
Motta e Tony
Tornado**

-americano.

Zezé, aos 78 anos de idade, e Tony, com 92, não só falam da carreira, mas de

um papel importantíssimo que têm enquanto artistas de alcance continental: lutar contra a discriminação racial e a favor da justiça social. Portanto, tire um bom tempo para ler - e, quem sabe, até aprender - com o depoimento desses dois grandes mestres.

A edição também reúne o perfil de alguns dos homenageados mais ilustres da edição, três deles, inclusive, foram capa aqui, no **Correio das Artes**. São eles: Fernando Teixeira, Zezita Matos, Eliézer Rolim e Jurandy Moura. E, ainda, o leitor ficará sabendo um pouco mais do processo de expansão internacional do Fest Aruanda.

Boa leitura!

O editor
editor.correiodasartes@gmail.com

índice



FESTAS SEMIÓTICAS

'Delirânjo', livro do poeta Charles Perrone, é analisado minuciosamente pelo professor e poeta Amador Ribeiro Neto em sua coluna bimestral.



RESENHA

Colunista e escritor Tiago Germano se debruça em um longo processo de análise da premiada obra 'Quarenta Dias', de Maria Valéria Rezende.



CLARISSER

Professora e escritora Analice Pereira brinda os leitores com um delicioso conto, que permeia a obra deixada pela cantora Gal Costa.



MÚSICA

Professor Rodrigo Falcão analisa a letra da música 'Selvagem', lançada pelo grupo Paralamas do Sucesso no álbum homônimo, em 1986.



OUVIDORIA:
99143-6762



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

Correio das Artes
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA
EDITOR DO CORREIO DAS ARTES

Paulo Sérgio C. Azevedo
DIAGRAMAÇÃO
Domingos Sávio
ARTE DA CAPA

Cinema, artistas e educação em torno do Aruanda

17ª EDIÇÃO DO FESTIVAL AUDIOVISUAL
ACONTECE ENTRE OS DIA 1 E 8 DE
DEZEMBRO, EM JOÃO PESSOA



*'Fausto Fawcett na Cabeça':
filme sobre o poeta, cantor e
compositor será exibido no
festival, com a presença do
autor (na foto acima) do sucesso
'Kátia Flávia', que vem a JP*

André Cananéa
Editor do Correio das Artes

FOTO: DIVULGAÇÃO



*Zezé Mota como Xica da
Silva, no filme homônimo
escolhido para abrir
a edição deste ano do
Festival Aruanda*

Consolidado como o principal festival audiovisual da Paraíba - e um dos mais prestigiados do Brasil - o Fest Aruanda chega à sua 17ª edição com novos e velhos filmes, homenagens a pessoas que pensam e fazem cinema, mostra infantil, lançamento de livros, celebrações e oficinas e palestras voltadas para a área, tudo isso entre 1 e 8 de dezembro, com a programação distribuída entre a sala 9 Macro XE do Cinépolis, alojada no Manaíra Shopping, e em espaços como Usina Cultural Energisa e Hotel Caiçara, todos em João Pessoa, Paraíba. Alguns eventos serão transmitidos pela internet a partir das redes sociais do festival (@festaruanda) - confirma a partir do QR Code ao final desta matéria.

A solenidade de abertura, no dia 1º de dezembro, às 19h, na mesma sala que recebe o evento desde 2015, a Sala 9 da rede mexicana Cinépolis, terá, como é de praxe, duas homenagens póstumas - ao jornalista Jurandy Moura, ex-editor do **Correio das Artes**, e ao professor e cineasta Eliézer Rolim -, ao mesmo tempo que irá celebrar os 80 anos da atriz de cinema, teatro e televisão Zezita Matos, atual presidente da Academia Paraibana de Cinema.

O longa-metragem responsável por dar início à programação será o clássico *Xica da Silva*, de Cacá Diegues, com a presença de sua estrela, a atriz Zezé Motta (leia entrevista exclusiva com ela na página 6). Lançado originalmente em 1976, o filme se tornou um marco do cinema brasileiro, e foi premiado dentro e fora do país (levou, por exemplo, Melhor ▶



Em homenagem póstuma à cantora Gal Costa, festival exibe o documentário 'Os Doces Bárbaros' (foto, de 1976, e o recente curta 'Meu Nome é Gal'

► Direção e Melhor Atriz no Festival de Brasília de 1976).

Filmado em Diamantina (MG), a comédia se situa na segunda metade do século 18, quando a Coroa Portuguesa instituiu para o distrito Diamantino um sistema de contratos que garantia o monopólio da extração de pedras preciosas a um capitalista português escolhido pelo rei, o contratador mineiro João Fernandes. Isso praticamente às vésperas da Inconfidência Mineira, quando os ideais da Independência começavam a tomar conta de alguns brasileiros.

Mas a despeito de quem fez fortuna com os minérios brasileiros, o que mais scandalizou a Corte Portuguesa foi a ascensão de uma ex-escrava a quem João Fernandes se une por amor: Xica da Silva, que muito em breve passará a ditar a política, a moda e a economia da região, vingando-se das humilhações sofridas quando ainda era escrava e, mesmo depois, quando fora alforriada.

Mas as extravagâncias de Xica da Silva, sustentadas por João Fernandes, acabam chamando a atenção da Corte portuguesa, que envia o Conde de Valadares ao Brasil, e com a chegada dele, a vida do casal se torna um inferno. O contratador é destituído do cargo e deportado para Portugal, deixando Xica sozinha contra uma cidade que se volta contra a ex-escrava.

No papel da “imperatriz do Tijuco”, como canta Jorge Ben Jor na música-tema do filme, está Zezé Motta, e no de João Fernandes, o saudoso Walmor Chagas. O elenco ainda conta com Altair Lima, Elke Maravilha, Stepan Nercessian, José Wilker e tantos outros.

Além de uma série de curtas e longas-metragens que concorrem ao já famoso Troféu Aruanda, o festival



Acesse o QR Code acima com seu smartphone e veja a programação completa.

ainda conta com a exibição dos filmes *Bia*, de Taciano Valério (na sexta, 2/12); o documentário *Andanças – Os Encontros e as Memórias de Beth Carvalho*, de Pedro Bronz, e *Fausto Fawcett na Cabeça*, de Victor Lopes (ambos no sábado, 3/12) - o próprio Fausto Fawcett estará no festival, lançando seu livro *Pesadelo Ambicioso; Pérola*, de Murilo Benício (domingo, 4/12); *Propriedade*, de Daniela Bandedeira (segunda-feira, 5/12); *Lupicínio Rodrigues – Confissões de um sofredor*, de Alfred Manevy (terça-feira, 6/12); e o documentário *Belchior – Apenas um Coração Selvagem*, de Natália Dias e Camilo Cavalcanti (quarta-feira, 7/12), todos inéditos no circuito comercial.

Na quarta-feira, último dia do festival, haverá uma homenagem póstuma à cantora Gal Costa, quando será exibido, às 15h, na sala 9 do Cinépolis, o documentário em longa-metragem *Os Doces Bárbaros* (1976), de Jom Tob Azulay, que também estará no evento e participará de debate logo após a exibição. À noite, durante o encerramento, também será exibido o curta *Meu Nome é Gal*, de Antonio Carlos da Fontoura.

O grande homenageado do encerramento, entretanto, é o cantor e ator Tony Tornado, hoje com 92 anos de idade, outra presença ilustre confirmada para o festival (leia a entrevista exclusiva na página 10).

Coube ao dia 8 de dezembro, a quinta-feira, a execução do projeto Territórios Expandidos (leia mais na página 20).

Lembrando que o acesso ao festival é gratuito, mediante convites retirados na bilheteria do Manaíra Shopping. As atividades educativas são feitas mediante inscrições através do site do evento, www.festaruanda.com.br.

A 17ª edição do Fest Aruanda tem patrocínio master do Grupo Energisa, da Cagepa e copatrocínio da PBGás, via Lei de Incentivo à Cultura do Governo Federal, sob a chancela do CCHLA-UFPB e da Bolandeir@rte&Films, produtora do evento. ◀

André Cananéa é jornalista, formado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com pós-graduação em Redação Jornalística. Por quase 20 anos, atuou em cadernos de Cultura nas redações de jornais paraibanos. Atualmente, edita o **Correio das Artes** e é o editor-geral do Jornal **A União**. Mora em João Pessoa (PB).

Zezé Motta, a Xica Tigresa

ATRIZ CONTA COMO RESSIGNIFICOU A
CARREIRA NA TERCEIRA IDADE, FALA SOBRE
MÚSICA DE CAETANO EM SUA HOMENAGEM,
FILMAGEM NA PARAÍBA E COMO QUASE
MORREU NAS GRAVAÇÕES DE
UM FILME DE CACÁ DIEGUES

Jãmarrí Nogueira

Especial para o *Correio das Artes*

Nariz chato, cabelo ruim e bunda grande. Na década de 1940, ainda na infância, Maria José Motta de Oliveira escutava isso com frequência. A menina de Campos dos Goytacazes-RJ entendeu cedo o estrago que o racismo pode causar... E demorou um pouco para que as portas que se fechavam para Maria José se abrissem para Zezé Motta! Zezé que é Xica da Silva. Zezé que é tigresa... A arte foi o caminho que levou Zezé à consciência, à luta e ao sucesso.

Basta lembrar que Zezé já ganhou inúmeros prêmios, incluindo um Troféu Candango pelo Festival de Brasília, o Troféu Oscarito no Festival de Gramado e um Prêmio Air France, além de ter recebido indicações para três prê-

mios Grande Otelo e um Prêmio Guarani. Em 2019, ela recebeu um Grande Otelo Honorário. Quase 50 anos de teatro (estreado em 'Roda Viva', de Chico Buarque). Mais de 30 novelas e minisséries. Mais de 70 filmes (com destaque para 'Xica Da Silva', de Cacá Diegues, em 1976)!

Uma das maiores atrizes e cantoras do Brasil é uma das personalidades homenageadas pelo Fest Aruanda 2022. Aos 78 anos de idade, ela é referência na televisão, no cinema e no movimento negro. Em entrevista exclusiva, a artista fala sobre como ressignificou a carreira na terceira idade e conta sobre a música que Caetano Veloso fez para ela e todos pensavam ter sido feita para Sônia Braga... Zezé, inclusive, está pronta para lançar um disco com canções de Caetano ano que vem!

A atriz também comenta as gravações do longa-metragem paraibano 'Onó do diabo' (de Ramon Porto Mota, Jhésus Tribuzi, Ian Abé e Gabriel Martins). "Foi uma surpresa incrível. O filme foi muito bem recebido, foi premiado e as pessoas que assistem ficam muito impactadas. E eu fiquei muito feliz por ter participado", disse. Ela também falou sobre como quase morreu afogada nas gravações de 'Xica da Silva'. Abaixo, a entrevista: ▶

Foto: Divulgação



Zezé Motta no papel de Xica da Silva: "A projeção que ele me proporcionou também fez com que eu pudesse avançar como militante do movimento negro"

A entrevista

► ■ *A senhora já recebeu diversas homenagens em sua trajetória e foi premiada nos maiores festivais de cinema do Brasil. Qual é a emoção de ser homenageada neste Fest Aruanda 2022?*

Eu costumo dizer que cada homenagem que nós artistas recebemos, seja do tamanho que for, é sempre um alento para o nosso coração, e também um combustível para que possamos continuar nessa caminhada.

■ *Como a senhora avalia o protagonismo negro na teledramaturgia e no cinema do Brasil?*

Olha... As coisas estão mudando. Antigamente eu quando ia ao cinema, ou ligava a televisão para assistir alguma novela, eu automaticamente ficava procurando e contando quantos negros eu via em cena. Estamos avançando a passos lentos, mas ainda temos muita luta pela frente.

■ *'Xica da Silva' é um divisor de águas na popularidade de sua carreira? Como foram as gravações desse longa de Cacá Diegues? Parece que a senhora quase morreu afogada...???*

Sempre me perguntam sobre a importância do filme 'Xica da Silva'. Ele foi um divisor de águas em minha vida. Eu já havia feito muitos trabalhos, mas nada com tanta visibilidade. Antes do filme eu conhecia apenas três países, e só em sua divulgação conheci mais 16. Nas ruas, todos me reconheciam e me chamavam de Xica da Silva, mas depois percebi que era uma dádiva. A projeção que ele me proporcionou também fez com que eu pudesse avançar como militante do movimento negro.

■ *Como foi esse encontro entre você e Cacá para fazer o filme?*

O Cacá foi uma coisa mágica na minha vida. Sabia que ele estava fazendo teste, mas não tive coragem de me oferecer. E ele não estava encontrando a atriz para fazer a Xica. Se não encontrasse, como disse em sua biografia, ele não faria o filme. Um dia, Nelson Motta lembrou ao Cacá: "E aquela atriz de Godspell?" Fiz o teste com uma cena bem delicada, quando a Xica é proibida de entrar na igreja. Naquela época, até a quarta geração, quem tivesse negro no sangue não

podia entrar na igreja dos brancos. Tinha dificuldade para controlar minha agressividade. Tenho meu lado Oxum, que é doce, mas Iansã é aquela que vira a mesa. Oxum prevalece, sou muito conciliadora. Mas Iansã, de seis em seis meses, vira a mesa. E o Cacá percebeu isso...

■ *E a senhora quase morreu afogada...?*

Sim, em uma das cenas no barco. Ele virou e eu quase morri afogada, não sei nadar. Fui salva pelo vestido, que eram muitos tecidos, pesados, e que não me deixaram afundar. Engoli muita água, foi uma cena de terror, mas estou aqui!

■ *A senhora tem feito muitas campanhas publicitárias. Como foi descobrir esse seu lado "garota-propaganda" já na terceira idade? e como tem sido o dia a dia de influencer digital?*

Olha... Vejo isso com muita naturalidade já que a internet tomou uma proporção gigante hoje no mundo. Te-

nho a minha audiência, as pessoas me acompanham, é exatamente por isso que acredito que o mercado publicitário resolveu olhar para mim. Quando jovem fiz apenas duas campanhas, hoje, depois de madura, resolveram me chamar pra ser senhora-propaganda, estou adorando!

■ *Há poucos anos, em evento realizado em João Pessoa, a senhora me contou sobre uma campanha publicitária que não foi ao ar por causa de racismo... Com a máscara social de artista como é a sua luta contra o racismo? A arte e os artistas são ferramentas na luta contra a opressão e contra o racismo?*

Nós ficamos muito tempo enfrentando o racismo velado no Brasil. Com as redes sociais, as pessoas escancaram e mesmo por trás da máquina estão mostrando a cara do Brasil. Caíram as máscaras. Apesar de ter percebido cedo que alguma coisa estava errada, fui empurrando com a barriga. Me interessei pelo movi-

Foto: Reprodução/Instagram





Zezé Motta (ao centro) em foto da produção 'Nó do Diabo', que trouxe a atriz para filmar na Paraíba: "Foi uma surpresa incrível"

mento negro, mas não me entreguei por inteiro de cara, porque precisava me dedicar à construção da minha carreira. Na adolescência, tive a fase de embranquecimento. Quando meus pais saíram do morro do Cantagalo e foram morar numa área nobre do Rio, amigas minhas que eu considerava brancas, mas que só tinham a pele mais clara, falavam: "Você tem um nariz chato, o cabelo ruim, a bunda grande". Então, passei a alisar o cabelo, queria operar o nariz, o bumbum. Teve uma época em que minha mãe lavava o rosto com água de arroz, porque diziam que clareava a pele. Uma prima botava limão no olho para deixar mais branca uma área do olho que não era tão branca. Uma tortura! Com o sucesso de Xica da Silva, comecei a ser solicitada para muitas entrevistas. Me perguntavam como era ter protagonizado um filme sendo uma mulher negra, qual era a importância de ter estourado no mundo... Eu ficava frustrada em toda entrevista que dava, pois tinha o sentimento da mulher negra, mas não tinha o discurso articulado. Um dia, lendo jornal, descobri um curso de cultura negra no Parque Lage, com Lélia Gonzalez, antropóloga, socióloga, romancista, ativista e, por acaso, negra. Na aula inaugural, ela disse: "Sei por que vocês estão aqui, mas quero deixar claro que não temos tempo para lamúrias. O que nós temos que fazer é arregaçar as mangas e virar esse jogo". E nós não éramos apenas jovens, não éramos apenas negros.

■ *A senhora tem projetos na TV voltados para o público maior de 60 anos. Como a senhora avalia a cena artística na terceira idade, para artistas e plateia?*

Necessário! É preciso termos um

espaço democrático. Pretos, indígenas, idosos, é preciso que o espaço seja pensado para todos.

■ *A quantas anda a gravação do disco com as canções do show 'Coração vagabundo', no qual canta músicas de Caetano Veloso?*

Estou rodando o Brasil com esse show e o disco deve sair ano que vem somente, se a minha agenda permitir. É que estou fazendo uma série, três filmes, um *audiobook*, e fins de semana viajando com shows...

■ *Em um mundo tão machista, a tigresa pode mais que o leão? Como é ter uma música de Caetano feita para a senhora?*

Olha... Quando me tornei Zezé Motta, lá nos anos 70, logo apareceu na minha vida o Carlinhos Prieto, que era um dos grandes visagistas da época. O Prieto virou meu amigo, produtor, irmão, e cuidava da minha imagem, ele era ousado! Foi bem nessa época que ele criou o bico de viúva acentuado no meu cabelo crespo, as unhas pretas, batom preto, e isso modestia à parte foi um marco pra todo mundo. Eu pintava as minhas unhas com um esmalte preto comprado na boutique Biba, em Ipanema, quando esmaltes coloridos ainda eram raridade, em meados dos anos 1970. Eu fazia o estilo exótico, com os cabelos curtos e batom também preto. Sempre ouvi dizer que a música era pra Sônica Braga, haviam boatos que

também era sobre mim, mas eu sempre ficava tímida sobre esse assunto. Foi um presente lindo no início de 2015 saber que fui a musa inspiradora de 'Tigresa' quando o Caetano revelou na coluna do Nelsinho Mota.

■ *"Democracia racial". Isso existe?*

Estamos lutando a cada dia para que isso aconteça.

■ *A senhora já disse passou por um processo de 'embranquecimento' na adolescência. Em qual momento se empoderou como mulher negra? A arte te conduziu a esse processo?*

Nesta época, as minhas amigas diziam: "seu nariz é chato, seu cabelo é ruim, sua bunda é grande". Então, para ser aceita, eu queria mudar tudo isso. Pensei em operar o nariz, durante toda a minha adolescência, alisava o cabelo e usava peruca Chanel, e algumas vezes pesquisei para ver se era possível fazer uma cirurgia para diminuir o bumbum, ou seja, era uma negação total das minhas origens. Eu já alisava o cabelo, mas pensava: "Não é isso que eu quero. Quero ter cabelo de branco". Então passei a usar uma peruca Chanel, bem lisa. Até que, em meados de 1969, essa história mudou para sempre. Fui fazer um circuito universitário com o grupo do Augusto Boal, - um dos mais importantes dramaturgos brasileiros -, nos Estados Unidos, México e Peru. Encenávamos Arena contra Zumbi e Arena contra Bolívar. O Lima Duarte interpretava Zumbi dos Palmares. Mas o Boal tinha um sistema que ele chamava de coringa, em que em algum momento do espetáculo cada um de nós fazia o Zumbi. Na encenação que fizemos no Harlem, lá fui eu levantar o braço com meu Zumbi de peruca Chanel. Quando acabou a apresentação, chamaram o Boal e falaram: "O que essa mulher alienada está fazendo no grupo?". Ele se sentiu no dever de me contar: "O pessoal do Harlem ficou chocado com o seu embranquecimento". Ninguém tem que policiar ninguém. No meu caso, era mesmo um processo de embranquecimento, que comecei pelo cabelo. No Harlem, vi aqueles negros maravilhosos, com cabelos *black power* tão bem tratados que chegavam a brilhar. Me perguntava: "Por que não acho os homens negros no Brasil lindos como estou achando esses daqui?". Não achava os negros do meu país bonitos

▶ porque aqui me diziam que eu era feia e eu acreditava. Quando percebi isso, entrei para o movimento negro na primeira oportunidade que tive. Passei a frequentar as reuniões do Instituto de Pesquisa da Cultura Negra (IPCN). Anotava tudo, queria fazer as coisas, mas não era uma ativista completa.

■ *O período de pandemia deixou sequelas em muitos de nós... como a senhora lidou com o distanciamento social e as perdas do período?*

Foquei no trabalho, fiz mais de 70 *lives*, não parei de produzir.

■ *Com agenda tão cheia sobra tempo para que a senhora se dedique aos prazeres simples, como casa e família (inclusive os netos)?*

É o que faço quando estou em casa, geralmente aos domingos. Curto minha casa, filhas e netos.

■ *O que a senhora anda lendo ultimamente...?*

Estou lendo 'Torto Arado' [de Itamar Vieira Júnior].

■ *E com relação ao cinema? Gosta do que vem sendo produzido no Brasil?*

Tem muita coisa boa sendo feita por aí, fico sempre abismada quando vou aos festivais por esse Brasil.

■ *Como foi a experiência de filmar na Paraíba? Fale um pouco sobre O nó do diabo...*

Foi uma surpresa incrível. E eu achei tão forte que eu falei: será que vai dar certo...? E deu! O filme foi muito bem recebido, foi premiado e as pessoas que assistem ficam muito impactadas. E eu fiquei muito feliz por ter participado.

■ *A senhora posou nua pela primeira vez na década de 1970 e fez seu último ensaio nu aos 75 anos de idade. Sempre teve uma relação tranquila com a nudez?*

Isso quem dizia era o Domingos de Oliveira: Zezé, mesmo quando eu te vejo vestida, tenho a sensação de que você está nua. O Nelson Motta, que é meu compadre – sou madrinha da Nina, filha dele com a Marília, diz que os diretores não pediam para eu tirar a roupa, eu que já ia tirando. Batia a claquete, eu baixava a alça do sutiã!... A verdade é que eu sempre tive uma relação tranquila com a nudez, apesar de ter estudado em colégio interno



Zezé Motta mantém uma presença ativa nas redes sociais, o que lhe garante, também, espaço na publicidade: "Me chamam de senhora-propaganda"

onde o corpo era tabu. Tanto que a primeira coisa que fiz quando saí de lá foi tirar a roupa. Calma, eu explico... O apartamento que meus pais foram morar, no Leblon, era no último andar e no verão aquilo virava um forno. Quer dizer, eu ficava costurando com a minha mãe só de calcinha. Aí, quando o meu irmão estava para chegar, ela mandava eu me vestir. Eu dizia: Ué, basta ele me olhar com olhos de irmão!

■ *A senhora já foi espírita, católica, evangélica, umbandista e se encontrou no candomblé. Tem solução para a intolerância religiosa no país?*

Meu pai era espírita e o internato foi uma escolha natural. Mesmo sem participar diretamente das sessões espíritas, a gente sabia o que acontecia: que as pessoas tomavam passe, recebiam santo; que Mãe Áurea, fundadora do colégio, às vezes baixava na sessão e nos trazia recados. Fiquei mais espiritualizada a partir dali. Me identifico muito com essa filosofia, sem deixar de lado a umbanda e o candomblé, claro. Sou Oxum – Opará, filha de Oxum com Iansã. Mas tenho minhas dúvidas e interrogações. Fico pensando: "E aí, qual é o sentido da vida?". Porque para cada um há um sentido, né? Para os católicos, ou você vai para o céu, ou vai para o inferno. Para os que são Testemunha de Jeová, ou você é Testemunha de Jeová, ou está do lado do inimigo. Essa é a minha dificuldade. Hoje não sigo religião nenhuma, minha conexão é diretamente com Deus. Sobre essa questão de intolerância religiosa, ela vem muito ligada ao preconceito não é mesmo? Temos que banir isso.

■ *Qual é o segredo para se manter linda e ativa aos 78 anos? A senhora lida bem com*

a sua idade? Por que a sociedade ainda tem o tabu do sexo e do afeto para quem tem mais de 60 anos? Como a senhora lida com isso?

Muita água, dormir bem, cuidar de fazer exercícios físicos, trabalhar e estar de bem com a vida. Sobre lidar bem com idade, sim, me dou bem... Eu nunca escondi a idade. Nada contra aos que mentem e inventam... Estou achando legal ter 78... Quer dizer, se a gente pudesse escolher, não passaria dos 30, né? Estou de bem com a vida. Fiquei pensando sobre o que a saudosa Tônia Carreiro me disse uma vez, que achava péssima a história de envelhecer, mas por outro lado, quem não envelhece morre cedo. Então envelhecer é uma dádiva, ou você preferia morrer cedo? O sexo sempre esteve muito presente na minha carreira. Foram inúmeros os papéis onde eu expunha o meu corpo a favor da arte. Nunca vi isso como ser vítima do estereótipo racista que a mulher negra é mais fogsosa. Isso é mito.

■ *Quais os planos para 2023?*

Não faço muitos planos não, deixo para a minha equipe isso [risos]. Graças a Deus estou sempre em atividade, em cena, por exemplo, estou em duas séries na Globo (Arcanjo Renegado 2 e FIM), tenho três filmes que estrearam esse mês e atualmente gravando mais dois. Tenho três formatos de show, convites que não param, graças a Deus não posso reclamar da vida. ✦

Jãmarri Nogueira é graduado em Jornalismo pela UFPB e pós-graduado em Jornalismo Cultural pela FIP. Trabalha como jornalista profissional há quase 30 anos, quando passou por diversas redações na Paraíba. Atualmente, integra a assessoria de imprensa da Funesc, sendo ainda colunista da CBN João Pessoa e do Portal T5.

No olho do Tornado

UM DOS PRINCIPAIS ATORES NEGROS DO BRASIL, TONY TORNADO FALA SOBRE RACISMO, 'MOCINHOS PRETOS', CLANDESTINIDADE NOS EUA, 'BR-3' E DE COMO TIROU TIM MAIA DA CADEIA

Jãmarrí Nogueira

Especial para o *Correio das Artes*

Comfort. Esse era o apelido de Antônio Viana Gomes, brasileiro que vivia ilegalmente no Harlem, nos Estados Unidos, na década de 1960, e que se tornaria um dos maiores artistas do Brasil (na música, na TV e no cinema). Depois de ser deportado e voltar para o Brasil, 'Comfort' (que já havia usado o nome artístico de Tony Checker) ficou mais conhecido como Tony Tornado!

A arte de Tornado conquistou o público primeiro através da música (na conquista do Festival Internacional da Canção), com a canção 'BR-3' (ao lado do Trio Ternura). Cinema e televisão vieram em seguida, com Tornado atuando em papéis em filmes como 'Quilombo' e 'Pixote'. Também atuou na televisão dando vida a personagens como Gregório Fortunato.

"A minha vitória no FIC de 1970 com BR-3 mudou tudo. Alguns não gostaram muito de ver um negro de peito nu, aberto, com um sol desenhado, fazendo o Maracanãzinho delirar. O país vivia uma ditadura militar", disse Tornado, destacando que foi

essa canção que lhe abriu as portas na televisão, no teatro e no cinema.

Da década de 1970 até os dias de hoje já são dezenas de novelas e minisséries, além de dezenas de longas-metragens. Não à toa, Tony Tornado é um dos homenageados do Fest Aruanda deste ano. Em entrevista exclusiva, ele fala sobre racismo, ativismo político e sua clandestinidade nos EUA. "Cafetão era uma profissão boa", conta ele.

No cinema, foi dirigido por nomes como Fábio Barreto ('O Rei do Rio'), Cacá Diegues ('Quilombo'), Hector Babenco ('Pixote') e Walter Salles ('A grande arte'). Neste ano de 2022, integra o elenco de 'Juntos e enrolados', comédia dirigida por Eduardo Vaismann e Rodrigo Van Der Put.

Na televisão, ele permanece como contratado da Rede Globo (onde atuou em novelas como 'Jerônimo – O Herói do Sertão', 'Roque Santeiro' e 'Sinhá Moça', além de minisséries como 'Carcereiros' e 'Agosto'). Na música, seu projeto atual é a banda Fank Essência, ao lado do seu filho Lincoln Tornado, com um repertório cheio de música black e soul. É ou não é um grande artista? "Yes, sir...!!!".

Nascido em Mirante de Paranapanema, no interior de São Paulo, Tornado foi ainda criança para o Rio de Janeiro (RJ). Fugido de casa, aos 11 anos de idade! Engraxou sapato. Dormiu na rua. Bateu carteira. Aprendeu com a violência das ruas como era preciso estar atento e forte... Tornou-se gigante!

Aos 92 anos de idade, Tornado comenta, nesta entrevista, a respeito da representatividade negra no cinema e na televisão, fala sobre sua participação em humorísticos, sua paixão pela atriz Arlete Sales e também de como tirou o cantor Tim Maia da cadeia. "Paguei a fiança, ficamos muito amigos e continuamos a nossa amizade no Brasil". Abaixo, leia a entrevista com Tony Tornado. ▶

Tony Tornado diz que sempre foi muito político: "Algumas coisas não desciam para mim. Eu tinha uma sede de falar 'sou negão, sou preto, sim'"

FOTO: LEONARDO SOARES/ESTADÃO CONTEÚDO



A entrevista

▶ **■ Antes de qualquer coisa, por favor, comente a emoção de ser homenageado no Fest Aruanda 2022...**

É verdadeiramente uma emoção e um prazer muito grande. Nem sei se mereço. Fiquei muito emocionado pela lembrança. Será, com certeza, um momento inesquecível que o Fest Aruanda e o povo da Paraíba estarão me proporcionando.

■ Driblando o preconceito e a infância pobre, em qual momento o senhor se descobriu artista?

A vida que me descobriu artista, Dom. Sempre senti que tinha uma missão ligada à arte. Eu fui levando, fui vivendo, sobrevivendo, sonhando e buscando.

■ O que a vida nas ruas ensinou ao artista que você é?

Tudo. Na arte nós somos muito do produto daquilo que vivemos.

■ Servir no exército foi um desejo ou uma necessidade?

Eu sempre busquei fazer aquilo que quero, que desejo, portanto. Mas posso dizer que esse desejo era uma necessidade para mim naquela fase da minha vida.

■ Inclusive, você serviu na mesma tropa de Sílvio Santos quando se alistou e esteve na batalha do Canal de Suez...

Sim, servi junto com o Abra-vanel.

■ Na década de 1960 o senhor morou nos Estados Unidos. Como foi a sua ida para a terra do Tio Sam. Vendia drogas e era cafetão, não é isso?

Eu fui tentar a vida. As coisas não foram fáceis e acabei tendo que buscar alguns trabalhos, vamos dizer assim, não muito aconselháveis. Circunstâncias de uma época. Eu era ilegal mas era mais ou menos comportado. Eu vivi no meio das drogas, vendi drogas nos Estados Unidos, mas nunca nem bebi cerveja, nunca fumei, nunca fiz nada. E não foi por pudor, foi

porque eu não queria. Cafetão era uma profissão boa, não era uma profissão qualquer, eu tinha minha Cadillac branca por dentro e por fora, roupas bonitas... e sobrevivia bem. Mas nunca perdi de vista meus sonhos.

■ Tem um episódio em que o senhor ajudou Tim Maia a sair de uma enrascada nos Estados Unidos, pagando a fiança e tirando ele da cadeia?

O Sebastião [nome de batismo de Tim] era mais ilegal do que eu [risos]. Certa vez, vieram me contar que tinha um brasileiro preso e eu fui ver quem era. Alguém falou "ô, Comfort - meu apelido no Harlem -, tem um brasileiro pegado lá". Eu fui, e era o Tim. Paguei a fiança, ficamos muito amigos e continuamos a nossa amizade no Brasil. Eu fui no dia do último show dele. E até hoje, nos meus shows, como me prometi, faço uma homenagem a ele.

■ E a sua volta para o Brasil? Foi deportado...?

Sim, não cheguei a regularizar minha estada e acabou sendo assim. Mas eu sentia que já estava no momento de voltar. Algo me dizia que a realização da minha missão e de meus sonhos meus sonhos estavam na minha terra.

■ Ganhar o Festival Internacional da Canção é um divisor de águas em sua carreira... Qual a importância desse prêmio para a sua trajetória artística? Impossível dizer que 'BR-3' não é a música de sua vida...

Eu estava num momento complicado na minha vida. Dificuldades financeiras. Eu era a zebra naquele festival, Dom. Mas sentia que uma luz estava querendo acender. Eu tinha acumulado já muita expe- ▶



FOTO: REPRODUÇÃO/TV GLOBO

Tony Tornado no papel de Gregório Fortunato, na minissérie 'Agosto', exibida pela Globo em 1993: 'Ele ia totalmente contra as minhas ideias, mas eu tinha que fazer'



Ao lado do Trio Esperança, defendendo a música 'BR-3' no FIC de 1970: "Alguns não gostaram muito de ver um negro de peito nu, aberto, com um sol desenhado, fazendo o Maracanãzinho delirar. O país vivia uma ditadura militar"

▶ riência e tinha paixão pela música. Sobretudo a música Black, o Soul. Eu trouxe esse sangue na bagagem quando voltei dos EUA. Um sangue contaminado pelo movimento Black americano, pelo Soul, por James Brown e cia. E fui com tudo para representar a canção de Antônio Adolfo e Tibério Gaspar. Sim, a minha vitória no FIC de 1970 com BR-3 mudou tudo. Agradeço muito à essa dupla de compositores (uma das maiores que o país já teve). É Dom, foi mágico! A partir dali ganhei visibilidade. Mas também não foi fácil. Alguns não gostaram muito de ver um negro de peito nu, aberto, com um sol desenhado, fazendo o Maracanãzinho delirar. O país vivia uma ditadura militar. Começaram a dizer que BR-3 era uma veia do braço e que era um hino de drogados. Nada disso, BR-3 era a estrada da vida, Dom. Isso me deu muito trabalho. A mim, ao Tibério Gaspar e ao Antônio Adolfo também. Mas num todo, ali a minha carreira como cantor se abriu. Aquele sol que o mundo viu no meu peito ajudou a fazer brilhar o meu carisma. E logo depois veio a carreira de ator. Televisão, Teatro e Cinema. Sempre com muita luta, com muita garra, Dom. E a BR3 vem sempre comigo

onde vou. Seja no meu coração, seja nos shows que faço, seja nos locais onde trabalho. Todos relembram, querem ouvir e querem comentar aquilo causou em suas vidas. Até pessoas que não eram nascidas, as novas gerações, falam. Isso é muito gratificante.

■ *Já pensou em escrever sua biografia?*

Recebo muitas propostas. E sempre peço ao meu assessor e amigo, Lula Moura, para agradecer o carinho. É livro, é filme, é documentário... Não, Dom! Biografia, não. Deixa isso para depois que eu me for. Tenho muito ainda para incluir na minha biografia.

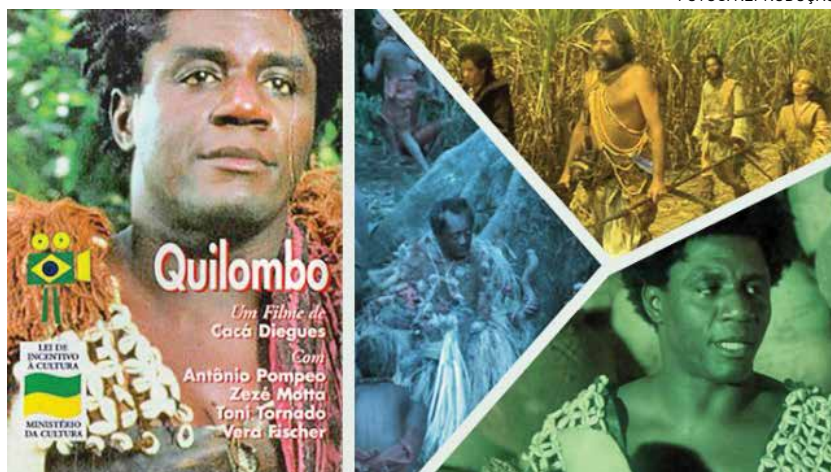
■ *Artista negro tem de levantar bandeira política? Precisa ser ativista contra o racismo?*

Além de cantar, de atuar, eu tinha uma missão maior, que era a da conscientização de massa, eu fui muito político, algumas coisas não desciam para mim. Eu tinha uma sede de falar "sou negão, sou preto, sim!". Participar é importante, sim. Cada um sabe como se sente confortável e se está preparado para fazê-lo. Existem várias maneiras de você passar a sua mensagem e contribuir na luta contra o racismo. Acho que eu consegui contribuir, e

continuo tentando fazer isso, com a minha carreira, com a minha arte. Batalhando pelos meus sonhos, batalhando por espaço e procurando dar o meu melhor em toda e qualquer personagem que me derem. É assim nos shows musicais também. Foi no palco e na tela onde sempre mandei meu recado. Com muita entrega. Nas posturas de vida também, sempre na paz e com firmeza de posição. O Troféu Raça Negra, que tive a honra de receber em 2019, organizado pela Afrobras e pela Faculdade Zumbi dos Palmares é um exemplo nessa linha, premiando os negros que fazem sucesso em suas carreiras, e dessa forma mostrando onde o negro pode e tem o direito de chegar. Mas todas as formas da 'boa luta' são importantes. Seja no racismo ou fora dele.

■ *Negro rico e famoso fica 'incolor'?*

Sofre menos preconceito, sem dúvida. ▶



Ganga Zumba, no filme 'Quilombo', de Cacá Diegues, é citado pelo ator como seu papel preferido no cinema

- ▶ ■ *Mesmo com mais de 90 anos de idade o senhor ainda dirige seu automóvel. De onde vem a paixão por carros antigos?*

Por carros em geral. Sempre gostei de ter bons carros, grandes e modernos. Até hoje não abro mão de dirigir.

■ *Por falar em paixão... E Arlete Salles? Foi muito marcante na sua vida pessoal e de artista, não foi? Uma guerra contra o preconceito da sociedade...?*

Eu fui apaixonado demais pela Arlete. E aprendi muito com ela nesse período. Dessa minha luta de aceitação em poder ser eu mesmo e ser vitorioso. E dessa minha postura na conscientização. Enfrentamos muito a hipocrisia da sociedade da época. Mas passou...

■ *Gregório Fortunato é seu papel mais forte na televisão? Qual seu papel preferido?*

O papel de que eu mais gostei foi na TV, o do Gregório Fortunato em *Agosto*. Ele ia totalmente contra as minhas ideias, mas eu tinha que fazer. Eu vi a *Cabana do Pai Tomás* com o Sérgio Cardoso (um artista branco) pintado de preto. Para não acontecer mais isso, não posso dizer não aos papéis.

■ *E no cinema? O que o senhor mais gostou de fazer?*

Gosto de todos os meus trabalhos. São como filhos. *Pixote*, por exemplo, foi muito gratificante fazer. Mas eu citaria *Quilombo* onde vivi Ganga Zumba, um príncipe africano e ex-escravo fugido, que se torna o líder do Quilombo de Palmares.

■ *O que o senhor mais gosta no cinema brasileiro atual?*

Eu curto um trabalho bem feito. Curto a arte cinematográfica e sou fã da brasileira. Cresceu muito o nosso cinema. Muito me honra ainda poder participar desse momento, atuando.

■ *Cinema americano tem uma produção muito forte voltada para a plateia negra (com elenco negro e direção negra). Qual é o caminho para ter isso no Brasil?*

Acho que começamos a trilhar esse caminho agora também, tanto no cinema quanto na televisão. Ainda muito timidamente para o que podemos fazer, mas começamos. O mundo está se ligando, exigindo e o "mercado" está começando a aderir. O caminho é ousar e realizar sempre bons trabalhos, quando se tem esse espaço. E buscar o sucesso. Não tem outra maneira.

■ *O senhor percebe uma maior abertura na televisão e no cinema do Brasil para o protagonismo negro (inclusive como "mocinhos")?*

Percebo sim. Deu uma melhora, mas ainda falta muito. Não gosto de paternalismo. Não precisamos disso. Muito do que avançamos nesse tema foi com garra e luta através do talento. Sempre na paz. E eu acho que consegui dar

a minha contribuição, e continuo dando. A parte boa é que grandes empresas como a que trabalho começa a se dar conta e fazer por onde. Mas falta muito, como falei. Faltam mais e maiores oportunidades.

■ *Por alguns anos, o senhor interpretou um mordomo ("yes, sir!!!") em um programa de humor. Também atuou com Os Trapalhões... Como é o humor na sua vida artística? Tony Tornado é bem-humorado?*

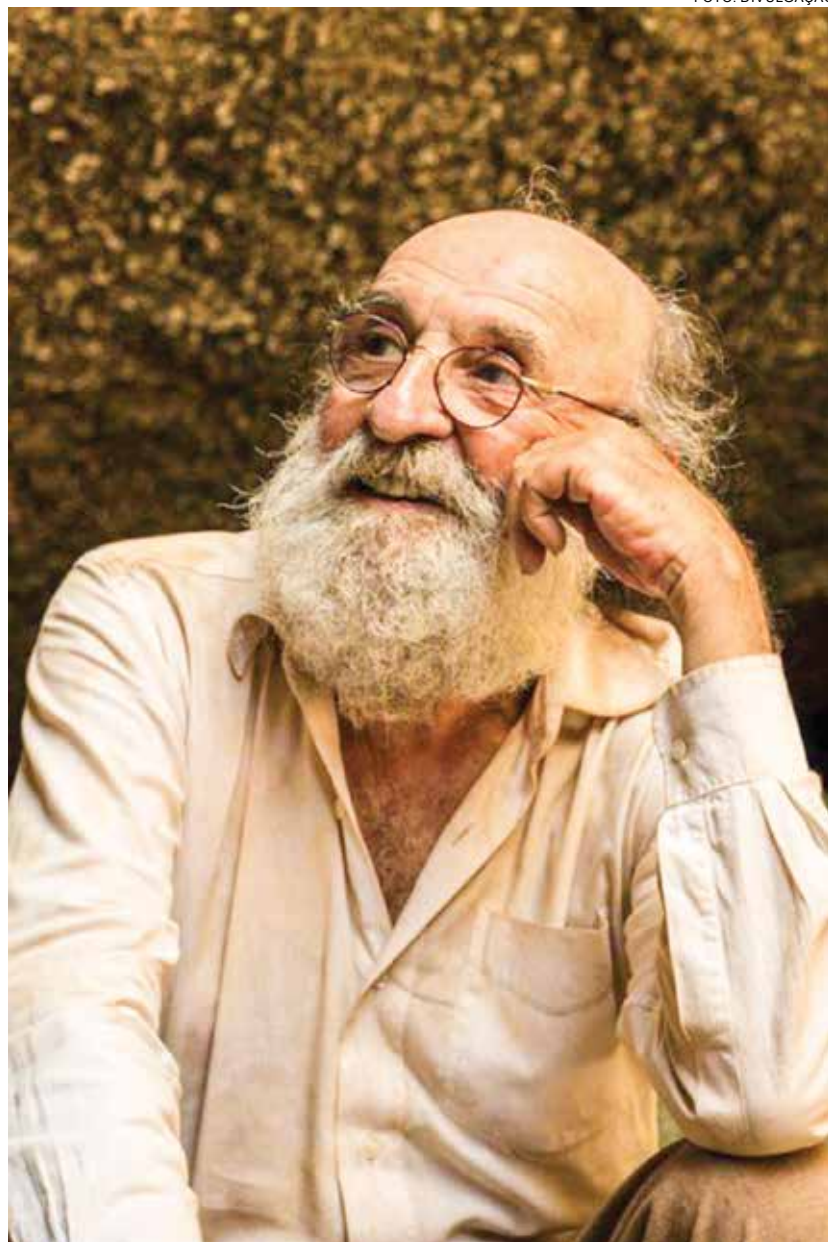
O humor é tudo de bom. Gostei muito de fazer as personagens que você citou. Esta do mordomo inclusive, eu tinha uma única fala. E, para sobressair, eu sabia que precisa dar tudo. Acabei me saindo bem e marcou. Procuo levar a minha vida de maneira leve, com humor também. E sempre que posso trago isso para a cena artística.

■ *Como é sua agenda artística atualmente? Sei que o senhor mantém um show com banda grande... qual é o segredo para ter essa vitalidade?*

Sou contratado da Rede Globo há mais de quatro décadas e continuo com meus trabalhos por lá. O que muito me honra. É uma grande empresa. Cinema também me demanda trabalhos ainda. Da música não abro mão e meus shows têm que ser assim: com banda grande e competente. A Banda Funk Essência é maravilhosa. E meu filho, Lincoln Tornado me ajuda a conduzir, cantar e dirigir. Passei por uma cirurgia na cabeça do fêmur, meu corpo não me permite... E é ele [Lincoln] quem dança por mim, com muita maestria. Lincoln também é cantor e é um ator completo, o que muito me orgulha. Como já citei, eu nunca bebi, nunca fumei e procuro não esquentar a cabeça com as dívidas [risos]. A paixão pela arte, pelo trabalho e o carinho do público. Acho que isso explica um pouco da força que me move.

■ *Quais os planos artísticos e pessoais para 2023?*

Continuar meus trabalhos na televisão, no cinema e nos shows. Na medida que a vida me permitir. ♥



Fernando Teixeira: do serviço militar aos palcos e às telas, paraibano se tornou um dos grandes artistas do estado

Fernando Teixeira, 80 anos em cena

ATOR PARAIBANO CONSTRUIU
UMA TRAJETÓRIA DE BRILHO NO
TEATRO, NA VIDA ACADÊMICA E NAS
PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS

Era outubro de 1942. A cidade de Conceição, no Sertão da Paraíba, ainda não sabia, mas estava assistindo ao nascimento de um dos maiores nomes do teatro brasileiro (e que viria a se destacar no cinema nacional): Fernando Teixeira, ator, dramaturgo e diretor. Nos últimos 10 anos, conforme ele, nenhum outro ator esteve no elenco de tantas curtas e longas quanto ele! Fenando está festejando 80 anos de vida e muitas (!) histórias para contar...

Tudo começa na infância conturbada... O menino hiperati- ▶

▶ vo tinha uma fome danada de saber e de aprender. Um dos *plot twists* de sua vida veio no final da adolescência, quando foi alistado nas Forças Armadas. Nem queria, mas terminou por servir na Marinha após alistamento na Junta Militar, no fim da década de 1950.

No comando marítimo, na cidade de Natal (RN), o futuro artista se revelou um recruta insubordinado. Trabalhava a semana inteira e quando chegava o fim de semana, escapava para João Pessoa, onde se entregava à boêmia. Resultado: demorava a se reapresentar em Natal e terminava sendo detido. Faltou pouco para que Fernando fosse expulso da corporação.

Aquela vida militar não andava para frente. E foi no espetáculo 'Joãozinho anda pra trás' que Fernando fez sua estreia no teatro e percebeu como dar um outro passo em sua vida. Ele viajou para São Paulo com o desejo de estudar música, mas terminou por se apaixonar pelo teatro. Por três anos, entrou em contato com a estética revolucionária do Teatro Oficina. Sua trajetória estava definida...

Enfrentou muitas dificuldades financeiras para viver de arte... Parou um tempo. Vendeu bolsas. Era excelente vendedor! Enfrentou uma tuberculose. Venceu tudo. Voltou aos palcos. Voltou para a Paraíba. E ressignificou sua carreira.

Voltando a Paraíba, em 1968, fundou o Grupo Bigorna com Carlos Aranha e Jurandy Moura, com a montagem da peça 'Navalha na Carne', de Plínio Marcos. Por mais de 10 anos, ele e o Bigorna viajaram por mais de 60 cidades paraibanas, fazendo um mapeamento do movimento teatral do Estado e apresentando o monólogo 'Esparrela' onde o artista teve oportunidade de dirigir e encenar um texto de sua própria autoria.

Esparrela conta a história do urubu Arquimedes, aprisionado e treinado por Manoel para dançar em feiras livres da região onde a história se passa. A morte de seu dono, porém, muda o destino da ave. A estreia da peça em maio de 2009 também marcou a inauguração da sala preta do grupo Bigorna, localizada no antigo Cilaio Ribeiro (Centro Cultural do Terceiro Setor Thomas Mindelo), na praça Aristides Lobo, s/n, no Centro de João Pessoa.

Em abril de 2013, O Sebo Cultural realizou o lançamento do livro "Fernando Peregrino – um perfil biográfico de Fernando Teixeira em 50 anos de palco", onde Fernando teve sua trajetória retratada no livro pelo dramaturgo Tarcísio Pereira. O professor de teatro da Universidade Federal da Paraíba, Everaldo Vasconcelos, foi quem assinou o prefácio dessa edição. O livro é composto em 10 capítulos e está ilustrado com fotos

de espetáculos, cenas de filmes, fac-símiles de jornais de várias épocas e opiniões de críticos brasileiros sobre Fernando Teixeira e seus espetáculos.

Em 2014, Fernando Teixeira foi homenageado em João Pessoa na primeira Mostra Internacional de Teatro (MIT) no encerramento do evento, onde o Grupo de Teatro Bigorna apresentou fragmentos do espetáculo "Esparrela" no Teatro de Arena no Espaço Cultural José Lins do Rego.

Oitenta anos de idade e seis décadas de dedicação às artes, no teatro, no cinema e na televisão. Além das dezenas de espetáculos encenados – como 'Auto da Compadecida', 'Papa Rabo', 'Anayde', '15 anos depois' e 'Fogo Morto', além de 'A peleja do Fute', Fernando sempre diversifica suas manifestações de talento...

Um dos maiores nomes do teatro paraibano também vem se dedicando com mais força a curtas e longas-metragens. Conforme ele mesmo diz, o cinema lhe deu a oportunidade de se reconhecer como ator (uma vez que é no teatro que ele se encontra como diretor). Na tela grande, já integrou elenco de filmes como 'Baixio das bestas', 'Rebento' e 'Ilha'. Ainda 'O lobisomem da Paraíba', 'O hóspede' e 'O nó do diabo'.

'King Kong em Asunción' está entre os prediletos de Fernando Teixeira. O ator brinca e diz que esse filme (com cenas rodadas fora do Brasil) o 'internacionalizou'. Outro papel de destaque foi em 'Aquários', contracenando com Sônia Braga. Ano passado, integrou elenco de 'Operação Borboleta', longa-metragem rodado na Paraíba e que ainda não foi exibido. No momento, Fernando está em cartaz com o longa 'Capitão Astúcia'.

Na televisão, Fernando Teixeira estreou depois dos 70 anos de idade (ao integrar o elenco da novela 'Velho Chico'). Também esteve no elenco da série 'Chão de estrelas'.

Um projeto a ser lançado ainda este ano é a sua autobiografia. O livro (com projeto gráfico de seu filho Sacha Teixeira) abordará da infância em Conceição aos filmes em que Fernando atuou este ano...

A autobiografia de Fernando Teixeira terá em torno de 200 páginas, lembrando a infância na cidade de Conceição, os tempos em que trabalhou como vendedor em São Paulo, trajetória no teatro e no cinema.

Também amores, desafetos, casamentos, Teatro Oficina, Bigorna e sua experiência como militar e professor universitário. Passagens hilárias e tragédias pessoais. Um livro que precisa ser publicado e – principalmente – lido...! Viva Fernando!!! Personalidade que faz história nas artes cênicas e na vida acadêmica (como professor da UFPB). ◀



Festival celebra a atriz paraibana pelos seus 80 anos de vida, completados em agosto de 2022

Zezita Matos faz 80 anos

DOS APLAUSOS DE ARIANO SUASSUNA AO “SUCESSO TARDIO” NA TV E NO CINEMA, ATRIZ PARAIBANA É EXEMPLO DE TALENTO, LUTA E CAPACIDADE DE SE REINVENTAR

Severina de Souza Pontes. Muita gente não sabe, mas esse é o nome de batismo da atriz Zezita Matos. Para ser mais exato, durante muitos anos nem a própria Zezita sabia... Mas essa história a gente conta um bocadinho mais para frente... Nascida em um distrito do município de Pilar, no dia 28 de agosto de 1942, essa paraibana que brilha nas telas do cinema e da televisão e também nos palcos dos teatros está festejando 80 anos de vida (sendo mais de seis décadas de dedicação à arte de interpretar).

O teatro entrou em sua vida ▶

▶ através de outra paixão: Breno Matos, que conheceu na década de 1950 e que viria a ser seu marido. Começou a frequentar ensaios e acompanhar apresentações. Não tardou e estava em cima do palco. Parecia ter nascido para aquilo. E tinha mesmo! O espetáculo: *Prima Dona*. A menina Zezita (apelido carinhoso dado pela mãe) que descobriu ser Severina somente depois que foi matriculada em uma escola acabara de descobrir a sua vocação.

Aliás, vocação Zezita não tem apenas uma. Além de encantar através da atuação, ela é voltada para a arte de ensinar e também para a luta pelas causas populares e pela democracia. Uma profusão de passagens na trajetória de Zezita mostra isso. A atriz formou-se em duas graduações, Letras e Pedagogia. Por anos, lecionou no Centro Universitário de João Pessoa e atuou como coordenadora dos cursos de Pedagogia e Letras.

Mesmo após sua aposentadoria, continuou se envolvendo em projetos culturais com implantações de saraus de poesias e um clube de cinema dentro da instituição. Zezita também sempre foi muito ativa politicamente. Ela frequentou o grupo da juventude comunista na Pa-

raíba. Por conta disso, precisou ficar por meses escondida na casa de um tio para não ter o mesmo destino que alguns de seus colegas que foram perseguidos, presos, torturados e até desaparecidos durante o Regime Militar Brasileiro.

Por sinal, foi “Severina” quem salvou Zezita de ser presa durante a ditadura militar. Ela ainda estudava no Lyceu Paraibano quando policiais foram à escola com a missão de prender uma “jovem comunista”. Lá, perguntaram por Severina, mas todos a conheciam pelo nome que a projetou como artista: Zezita. E os policiais saíram de mão abanando...

Zezita conta com felicidade que foi elogiada por Ariano Suassuna após encenação da peça *O Auto da Compadecida*, em que ela interpretava a Nossa Senhora. Esse espetáculo foi apresentado em diversas partes do País e serviu, inclusive, para dar “bagagem” à atriz paraibana. Ela ainda atuaria em espetáculos como *Quebra-quilos* e *As Velhas*.

O cinema veio muitas décadas mais tarde! Zezita já era conhecida por uns como “Dama do Teatro Paraibano”. Já era uma artista consolidada nos palcos do Estado e tinha feito apenas uma ponta no emblemático *Menino de Engenho*, filme feito por Walter Lima Jr em 1965 (a partir da obra de José Lins do Rêgo).

Demorou mais de três décadas para ela voltasse a um set de filmagem. E isso aconteceu no começo dos anos 2000, quando gravou o curta-metragem *A canga*, sob direção de Marcus Vilar. No elenco, além de Zezita, seu irmão Everaldo Pontes, Waldemar Solha, Servílio de Holanda e Verônica Cavalcante.

A partir daí foi uma avalanche de curtas e longas-metragens. A lista é grande! Só nos anos 2000 fez *Olhos azuis*, *O sonho de Inacim*, *Baixio das Bestas*, *O céu de Suely* e *Cinema, aspirinas e urubus*. Em seguida, ‘Mãe e filha’, ‘Boa sorte, meu amor’, ‘Os pobres diabos’ e ‘A história da eternidade’. A presidente da Academia Paraibana de Cine-

ma (APC) atuou ainda em *Olhos de botão*, *Reza a lenda*, *Marés*, *Ambiente familiar* e *Pacarrete*.

Mais recentemente, o talento de Zezita apareceu na tela grande nas exposições de *Remoinho*, *Não me esqueças*, *me ame para sempre*, *Acqua movie*, *Deserto particular* e *Currais*. Ano passado, Zezita participou do elenco do longa-metragem paraibano *Operação borboleta*, que ainda não entrou em cartaz.

Na televisão, Zezita havia registrado uma pequena aparição na novela *Vereda tropical*, na TV Globo, na década de 1980. E assim como no cinema, mais uma vez, houve uma grande lacuna entre a estreia e o segundo trabalho. Em 2016, Zezita ganhou notoriedade no cenário nacional por sua interpretação na novela *Velho Chico*, de Benedito Ruy Barbosa.

A atriz foi convidada por Luiz Fernando Carvalho para interpretar a mãe coragem Piedade dos Anjos. Na trama, ela é mãe do protagonista Santo e de Bento, interpretados por Domingos Montagner e Irandhir Santos, respectivamente. Curiosamente, Zezita já havia atuado no papel de mãe de Irandhir em quatro filmes antes da novela. Em 2018 volta à televisão em uma participação especial na série *Onde nascem os fortes*, também dirigida por Luiz Fernando Carvalho. E ainda teve, em 2020, participação na novela *Amor de mãe*.

Zezita Matos é uma mulher de muitos talentos e de luta permanente. Incansável!!! Uma “operária”, como costuma classificar a si mesma. Uma artista que se entrega ao trabalho e à relevância social que ele pode ter. Comemorar os 80 anos de Zezita é ter a certeza de que estamos também a comemorar a arte! No teatro, na televisão ou no cinema (ou mesmo naquilo que chamamos de “vida real”), Zezita é exemplo de profissionalismo e de empatia pelas causas que tornam a sociedade algo muito mais próximo do que se tem por justo e igualitário. Viva Zezita!!! ✦

**O cinema veio
muitas décadas
mais tarde. Zezita já
era conhecida como
'Dama do Teatro
Paraibano' e tinha
feito apenas uma
ponta em 'Menino
de Engenho'**

FOTO: ACERVO DE FAMÍLIA



Nascido em Cajazeiras, professor Eliézer faleceu no dia 2 de fevereiro, aos 61 anos de idade, vítima de complicações provocadas pela Covid-19

O sonho de Eliézer Rolim

HOMEM DO TEATRO E DO CINEMA VIU SUA OBRA SAIR DO SERTÃO PARA OCUPAR PALCOS E TELAS DE DIVERSOS PAÍSES

Na cidade de Cajazeiras, no Sertão da Paraíba, a Rua Higino Rolim termina no Açude Grande. Na década de 1970, a rua era calma e a vista era perfeita para contemplar a natureza. Especialmente o pôr do sol. Um sol que iluminava as ideias de uma garotada disposta a fazer teatro. Especificamente, um garoto disposto a sonhar alto e fazer história nas artes cênicas. O nome da criança? Eliézer Leite Rolim Filho. E ele fez mais que isso... Sonhou um sonho que não se sonha só. E esse sonho se tornou realidade.

Eliézer é o nome por trás da criação do grupo Mickey (que se tornaria grupo Terra), ainda na settlementista Cajazeiras. Ele impulsionou e ajudou a revelar nomes como Nanego Lira, Soia Lira e Marcélia Cartaxo (que seria chamada para protagonizar o longa 'A hora da estrela' após ser vista em espetáculo do Terra: 'Beijo de estrada'). Marcélia ganhou o Urso de Prata no Festival de Berlim devido ao filme de Suzana Amaral. A mão de Eliézer estava ali...

Dramaturgo, cineasta, professor de arquitetura e urbanismo na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Esses são apenas uns dos talentos do saudoso cajazeirense Eliézer Leite Rolim Filho, um homem plural que nutria um amor desmedido pelo teatro, pelo cinema, pela escrita e pela sala de aula. Eliézer nos deixou no dia 2 de fevereiro deste ano, aos 61 anos de idade, vítima de complicações da Covid-19.

Homem reservado, com várias obras premiadas e de uma inteligência ímpar, era humilde na sua essência e levava a vida com otimismo. Tinha alegria de viver, embora não tenha experimentado uma infância fácil. A família de estrutura classe média alta viu o mundo girar quando o pai de Eliézer saiu de casa para não mais voltar. O abandono deixou marcas profundas e trouxe muitas dificuldades (inclusive afetivas e financeiras).

Nascido em 1961, o filho de Eliézer Leite Rolim e Raumita Coelho Rolim (ambos já falecidos) precisou do suporte emocional do tio – o padre José Sinfrônio – em um mo- ▶

mento bem delicado. Foi o padre Sinfrônio quem levou o pequeno Eliézer, por volta dos 9 anos de idade, para o internato no Colégio Diocesano Dom João da Mata, no município paraibano de Itaporanga, a 90 quilômetros de Cajazeiras. Foi nesse local que o menino pegou gosto pelo teatro. Já de volta a Cajazeiras, passou a adolescência escrevendo e fazendo teatro com os amigos da rua.

Ganhou destaque e prêmio nacional, com o espetáculo 'Beijo de Estrada', outorgado pelo Projeto Mambembão (1979). Assim iniciava a caminhada de Eliézer no universo da criação teatral, onde sempre circulou com maestria, liberdade e paixão, se enveredando posteriormente pelo cinema e também arquitetura.

Foi em uma Cajazeiras sonhadora e setentista que surgiu o espetáculo 'Os pirralhos', com Eliézer atuando e com direção de Luiz Carlos Vasconcelos. Uma trupe de crianças e adolescentes disposta a largar bolas e bonecas para se dedicar às artes cênicas. E nas brincadeiras de encenar, o roteiro muitas vezes era baseado nos contos infantis que Eliézer contava aos amigos. O palco era o quintal das casas do Rolim, onde a vizinhança e amigos de todas as idades eram convidados a assistir as apresentações dominicais nos fins de tarde.

Os temas abordados nos espetáculos foram evoluindo e passaram a falar da seca do Nordeste, dos ciganos, da falta de moradia, da fome no campo. De meninos, eles foram se tornando rapazes e moçoilas, guardando a inocência típica de artistas sonhadores, defensores da liberdade de expressão, sem se dar conta de que atuavam em plena ditadura militar.

Inclusive, o grupo foi detido por um agente da Polícia Federal, em Campina Grande. A trupe pronta para encenar um espetáculo com classificação indicativa de 18 anos, enquanto o elenco era todo adolescente. Resultado: ficaram todos 'presos' no camarim do teatro Severino Cabral. No fim das contas e após horas de 'detenção', a peça foi liberada após o compromisso de que diversas cenas seriam retiradas da peça.

De 1976 a 1988, o grupo formado em Cajazeiras participou de alguns

espetáculos que marcaram parte da história do teatro paraibano e brasileiro. Entre eles estão 'O Bando de Cigano', 'A Seca', 'O Barraco', 'A Procura da Flor Verde', 'Os Pirralhos', 'Até Amanhã' e o lendário espetáculo 'Beijo de Estrada', primeiro trabalho de Eliézer e do Grupo Terra. Mais tarde, a peça deu origem ao filme homônimo que teve como diretor o próprio Eliézer.

Também encenou nos teatros brasileiros espetáculos como 'Sinhá Flor', 'Anjos de Augusto' e 'Mamã-nita'. 'Também 'Efemérico'. 'Beijo de Estrada' foi encenada em diversas partes do Brasil, através do Projeto Mambembão, iniciativa do Governo Federal realizada nos anos de 1970 e a primeira metade de 1980. A ideia era levar espetáculos de diferentes regiões do país ao Sudeste e Sul brasileiros para serem conhecidos pela grande mídia.

Com o Mambembão, o grupo se apresentou no Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre. Outros espetáculos marcaram a trajetória de Eliézer, como 'Rei do Lixo' e 'Como nasce um cabra da peste', encenado no Brasil e no exterior pelo grupo Agitada Gang, em uma turnê que passou por Portugal e países do continente africano.

Mais tarde, a obra de Eliézer atravessaria os mares novamente. Foi em 2018, quando seu longa-metragem 'Beijo de estrada' foi exibido em um festival de cinema na Estônia. No mesmo ano, o filme 'Beijo de Estrada' venceu o Fest Aruanda e foi selecionado para o Festival Internacional de Cinema Brasileiro, que acontece em Milão, na Itália. Na tela grande escreveu e dirigiu ainda 'O sonho de Inacim' e 'Eu sou o servo'.

Formado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), instituição a qual passou a ser professor após ser aprovado em concurso público, Eliézer Rolim tinha na vida de mestre uma de suas grandes satisfações. E Eliézer sabia o que era ser interdisciplinar. Não à toa, foi coordenador do Teatro Minerva, na cidade paraibana de Areia. O fazer cinema tinha um quê de artes cênicas. O teatro estava na sala de aula. E a arquitetura estava na sétima arte... O sonho de Eliézer – um dos homenageados do Fest Aruanda 2022 – permanece vivo...

CONQUISTAS

1991 - Melhor Direção - Espetáculo 'Os anjos de Augusto', 12º Festival Nacional de São José do Rio Preto.

1998 - Melhor Direção/Espetáculo/Cenografia/Iluminação - Espetáculo Como Nasce Um Cabra da Peste, Festival de Teatro de Americana.

1998 - Melhor Espetáculo/Direção/Cenografia/Iluminação - Como Nasce Um Cabra da Peste, Festival Nacional de Rezende - RJ.

1998 - Melhor Direção - Espetáculo Como Nasce Um Cabra da Peste, IV Fenarte - Festival Nacional de Arte da Paraíba.

1998 - Melhor Espetáculo - Como Nasce Um Cabra da Peste, 18º Festival Nacional de São José do Rio Preto - SP.

2000 - Melhor Diretor - Espetáculo Sinhá Flor, FIT 2000 - Festival Internacional de Teatro - Sorocaba - SPA

2000 - Melhor Texto - Sinhá Flor, Festival Internacional de Teatro de São José dos Campos.

2001 - Melhor Direção - Espetáculo Quando Despertamos Estávamos Mortos, IFeneteq - Festival Nordeste de Teatro - Guarabira - PB.

2002 - Melhor Iluminação - Espetáculo Quando Despertamos Estávamos Mortos, IX Festival Nordeste de Teatro - Guarimiranga - CE.

2010 - Melhor Filme - longa metragem - O sonho de Inacim - O Aprendiz do Padre Rolim, Academia Paraibana de Cinema.

2007 - Melhor Espetáculo - Homens de Lua - Montagem Grupo Quatro Asas,

VII Festival de Teatro Jaime Sanchez - Botucatu - SP.

2012 - Homenagem - Sala de Cinema Eliézer Rolim - Inaugurada em: 02 de maio de 2012 - Prefeitura Municipal de João Pessoa - Casa Brasil.

2018 - Beijo de Estrada - Melhor filme, melhor roteiro, melhor Direção para Eliézer Rolim, melhor Atriz- Darlene Glória, melhor Ator- Jackson Antunes, melhor Ator mirim- Rique Messias, Mostra Sob o Sol Nordeste - XIII Festival Aruanda - João Pessoa.

2018 - Waiting On the Road (Beijo de Estrada), Seleção oficial, Black Nights Festival- em Tallinn - Estônia. ✦



Professora Kristal Robin Bivona, da San Diego State University, estará no festival e deverá efetivar um acordo de cooperação entre o Fest Aruanda e a instituição norte-americana

Festival põe em marcha o projeto 'Territórios Expandidos'

'ARUANDANDO NO BREJO PARAIBANO' E 'ARUANDANDO EM LISBOA' AMPLIFICAM ECOS DO FESTIVAL

O ano de 2022 entrará para a história do mais antigo festival de cinema paraibano como um ano de mudanças substanciais nas estratégias de intervenção e atuação do evento que, segundo o saudoso teórico da Comunicação local, Wellington Pereira, "inseriu a Paraíba na geopolítica do cinema brasileiro". Fazendo jus à máxima do ex-docente da UFPB, o Fest Aruanda pôs em execução, este ano, o projeto 'Territórios Expandidos' que amplifica o lugar e o seu papel na articulação, formação e mobilização do público local, regional e até internacional. ▶

O Fest Aruanda inagura, este ano, a Mostra Aruandando em Lisboa, dentro da programação da Semana do Audiovisual da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Historiando essa curva que começa em 2016, com a criação do projeto Aruandando no Campus I da UFPB, aprovado pelo sétimo ano consecutivo em 2022, o festival deslançou nesse mês de novembro a ação intitulada Aruandando no Brejo Paraibano, contemplando as cidades de Areia, Solânea, Sapé, Guarabira e Alagoa Grande. Na prática, o neologismo derivado do título do filme clássico que dá nome ao festival, tem sentido de movimento, de pôr em circulação. Nesse caso, trata-se de um circuito audiovisual com exibição de clássicos do cinema paraibano, de 'Aruanda' (1960) aos curtas-metragens premiados ao longo dos 16 anos de história do festival (entre 2005-2021), além de um longa de animação infanto-juvenil e de um longa-metragem também laureado na Paraíba (documentário sobre a cantora Cássia Eller).

Para o gerente executivo da área cultural do Banco do Nordeste, Murilo Albuquerque, o projeto Aruandando no Brejo Paraibano tem vários méritos, a começar pela região escolhida. "As cidades escolhidas possuem equipamentos públicos históricos com acervos importantes. Será uma oportunidade de apresentar os curtas premiados e mobilizar o público das cidades a se aproximarem da linguagem do cinema e interagir em debates e mesas de discussão sobre a produção cinematográfica da Paraíba", destacou.

Coerente com a diretriz do Banco do Nordeste Cultural, que atua no fortalecimento das cadeias produtivas culturais, visando à expansão e disponibilização dessas atividades em todos os estados de atuação, é que o projeto Aruandando no Brejo nasce, portanto, coerente com esse espírito democratizante de conteúdos audiovisuais de qualidade. Quem também reitera essa postura, é o fundador e produtor executivo do Fest Aruanda, Lúcio Vilar.

"Fato é que o Aruandando no Campus, até ano passado circunscrito ao âmbito da UFPB, agora ganhou dimensão regional e sempre tivemos essa 'ambição', digamos assim no sentido positivo da palavra, mas nunca tivemos perna para consumir. Agora, com o BNB e o Grupo Energisa, mais as prefeituras das cidades contempladas, reuni-

mos as condições para fazer essa extensão audiovisual de grande valia para o público alvo que tem demonstrado bastante interesse pelos filmes, palestras e rodas de conversa", ratificou.

Nessa pegada, o dado novo é que o salto de qualidade prestes a ser experimentado, vai extrapolar a dimensão regional. O Fest Aruanda inagura, durante a realização do evento 2022, a Mostra Aruandando em Lisboa, dentro da programação da Semana do Audiovisual da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Com isso, o festival consolida uma tendência de ocupação e expansão de territórios até então sem precedentes, o que configura um realinhamento em seu formato, cujos desdobramentos serão amplamente sentidos no próximo ano com ações decorrentes de tais precedentes abertos.

UNIVERSIDADE DE SAN DIEGO & FEST ARUANDA

Dentro desse contexto, outro dado a realçar essa tendência de abertura e de ampliação para novos diálogos do Fest Aruanda está na celebração de acordos de parceria e cooperação internacional, celebrados entre a UFPB, via Fest Aruanda, e a Universidade Lusófona, de Lisboa, cuja relação foi renovada em 2022.

O fato novo, entretanto, que marcará a 17ª edição do fest Aruanda, será o protocolo a ser assinado entre a San Diego State University, na Califórnia, e o Fest Aruanda (UFPB) de cooperação acadêmica e audiovisual, o que se efetivará com a vinda ao festival da professora dra. Kristal Robin Bivona, do Behner Stiefel Center for Brazilian Studies.

Ela será responsável pela Conferência de Abertura do Fest Aruanda, no dia 2 de dezembro, às 11h da manhã, na Usina Cultural Energisa, cujo tema versará sobre o 'O cinema brasileiro no exterior: Representatividade e o imaginário global'. A mediação da mesa será do professor da UFPB, Lúcio Vilar, e do cineasta e docente (UFPB), Bertrand Lira na condição de debatedor. ✦



Jornalista, poeta e cineasta já falecido, Jurandy Moura será homenageado na edição deste ano do Aruanda com vídeo inédito sobre ele

A vida simples de Jurandy Moura

PROJETO CINEMATOGRAFICO REÚNE, PELA PRIMEIRA VEZ, OS REALIZADORES MARCUS VILAR E LÚCIO VILAR

Ao contar como surgiu a ideia do filme, o cineasta Marcus Vilar lembrou que foi convidado pelo coordenador do Fest Aruanda, Lúcio Vilar, a fazer em parceria, um VT de homenagem a Jurandy Moura, jornalista, poeta, crítico de cinema e cineasta paraibano que receberá homenagem póstuma na edição 2022 do evento. A ideia, portanto, era produzir apenas um simples vídeo de homenagem, de dois a três minutos, que teria exibição na solenidade de abertura do festival, dia 1º de dezembro, na Sala nove da rede Cinépolis do Manaíra Shopping. ▶

Entretanto, com o passar dos dias e dos diálogos entre os dois realizadores audiovisuais, a proposta original foi cedendo espaço para a produção de um documentário, tais foram às descobertas que passaram a mapear a pesquisa de materiais impressos, entre outras fontes, redimensionando o olhar sobre o homenageado que nasceu em Taperoá (28 de março de 1940) e que, em 1980, aos 40 anos, veio a falecer de forma trágica, num acidente de carro.

Jurandy Moura, juntamente com Vladimir Carvalho, Manfredo Caldas, Paulo Melo, Ipojuca Pontes, entre outros, foram fundamentais para a criação do Núcleo de Documentação Cinematográfica (Nudoc) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), local onde o próprio Marcus Vilar foi trabalhar, nos anos 1980, e começou a fazer cinema. Além de jornalista, foi crítico de cinema, editor de uma das fases mais festejadas do **Correio das Artes**, poeta e cineasta cuja

morte abrupta interrompeu um ciclo que certamente teria sido promissor.

“Não tive a oportunidade de conhecê-lo, portanto fazer um doc sobre Jurandy me fez mergulhar num universo desse poeta, escritor, jornalista e cineasta e perceber sua importância para a Paraíba. Com sua intensidade e inquietude, nos deixou um grande legado, aliás, para a cultura paraibana”, pontuou o diretor, conhecido nacionalmente por premiações de filmes como *A Canga*, entre outros.

Quem também não conheceu Jurandy Moura foi Lúcio Vilar. Ele tem o registro da morte na memória, uma vez que era leitor assíduo de *A União*, no interior da Paraíba, e já estava envolvido, na época, com atividades artísticas no campo do teatro amador e do cineclubismo. A decisão de homenagear Jurandy Moura, segundo ele, “responde a uma dívida do próprio festival enquanto resgate da história de uma importante persona de sua tempo,

os anos 1970, apesar de sua meteórica passagem entre nós”, declarou.

Um teaser do documentário será exibido na abertura oficial do 17º Fest Aruanda do Audiovisual Brasileiro e deverá contar, no palco, com as presenças ilustres dos escritores e poetas Gonzaga Rodriguez e Sérgio de Castro Pinto, além de Maria do Carmo Moura (viúva de Jurandy Moura) e de seu filho Eduardo Moura.

Com direção e roteiro de Marcus e Lúcio Vilar e edição de Rogério Monteiro, o projeto é uma produção da Bolandeira Arte & Films (Fest Aruanda), com apoio da Leme Produções e co-produção da TV UFPB.

Pela primeira vez juntos na produção de um documentário, ambos afirmaram ter sido uma experiência positiva, e que muito em breve, possivelmente a tempo pelas comemorações dos 130 anos do jornal *A União*, em fevereiro de 2023, ocorrerá a estreia de *A Vida Simples de Jurandy Moura*.

Jurandy Moura, um homem vestido de sol e de lua

JORNALISTA, CINEASTA, POETA, CRÍTICO DE CINEMA E DE LITERATURA, PARAIBANO ESTEVE NO OLHO DO FURACÃO DA BOÊMIA E DA CENA CULTURAL NAS EFERVESCENTES DÉCADAS DE 1960 E 1970

“Primeiro foram dias de sol. (...) Depois vieram chuvas”. Imagine um menino que fugiu da aula para aprender com o seu olhar e sensibilidade lançados sobre o cotidiano e sobre a vida... O saudoso multiartista paraibano Jurandy Moura parece um tanto com a personagem de seu conto ‘Os pássaros’ (publicado em 1976): permanente desejo de aprender. Olhar atento e percepção poética aquilina.

A inquietude e a produção voraz marcaram a trajetória de Jurandy, que atuou – com maior intensidade – no jornalismo, na literatura e no cinema. Sua produção vestiu-se de sol, diante da qualidade poética iluminada. Um poeta cheio de luz e que se entregava às noites de boêmia lunar em bares e restaurantes de



FOTO: REPRODUÇÃO/YOUTUBE

Cena de 'Padre Zé estende a mão': curta em 16 mm dirigido por Jurandy Moura pode ser visto no Youtube

- ▶ João Pessoa (que abrigavam artistas e intelectuais da época). Noitadas que ele não perdia! Vestido de sol e de lua, ele é um dos homenageados no Fest Aruanda 2022.

Foi editor do **Correio das Artes**, crítico de literatura, poeta e diretor do documentário *Padre Zé estende a mão* (curta em 16 mm). Também foi assistente de direção do longa-metragem *O salário da morte* (em 35 mm), de Linduarte Noronha (cineasta que dirigiu *Aruanda*, marco do Cinema Novo).

O documentário de Moura mostra o trabalho social desenvolvido no centro de Formação para jovens estudantes e o tratamento de doentes no Hospital Padre Zé, ambos em João Pessoa, custeados com recursos coletados pelo padre José Coutinho. Já a obra em que foi assistente de direção é considerada o primeiro longa-metragem de ficção do audiovisual paraibano.

Com participação de Manoel de Castro (edição) e João Córdula (fotografia), além de ilustrações de José Altino, o documentário *Padre Zé estende a mão* foi agraciado com menções honrosas nos festivais de cinema de Londres e de curtas de Oberhausen, em 1974.

Jurandy Moura participou da Geração 59, integrando a antologia de 14 poetas, organizada e introduzida por Vanildo Brito

Nascido no dia 28 de março de 1940, Jurandy da Silva Moura era natural da cidade de Taperoá, Cariri paraibano. Filho de Alfredo Moura da Costa e de Maria Aurélio Moura. Quando tinha três anos de idade, a família foi morar no município de Patos, onde ele estudou no Colégio Diocesano. No entanto, concluiu os estudos em João Pessoa, no Lyceu Paraibano.

Já na adolescência, demonstrava talento para a literatura e o cinema. Era leitor de escritores como Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e de Manuel Bandeira. Além de jornalista, poeta e cineasta, atuou como funcionário da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), inicialmente no Departamento Cultural.

Posteriormente, trabalhou no Núcleo de Documentação Cinematográfica (Nudoc) da UFPB, chegando a dirigir o Museu da Imagem e do Som da universidade. Foi ainda presidente da Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba (ACCP) e representante da Paraíba na Associação Brasileira dos Cinemas de Arte.

Jurandy Moura participou da Geração 59, integrando a antologia de 14 poetas, organizada e introduzida por Vanildo Brito, líder daquele movimento. À época, Jurandy era o mais novo do grupo (ao lado de Clemente Rosas). O único livro de poesia publicado pelo escritor paraibano foi *'A vida simples'* (1964).

Foi – inclusive! – o responsável pela nova fase do *Correio das Artes*, cujo governo do período era Ivan Bichara, e o secretário de Educação e Cultura, o professor Tarcísio Burity. À época, o *Correio* se tornou mais eclético, abrigando todas as manifestações artísticas. Ficou no cargo entre setembro de 1975 e abril de 1980.

Dirigindo seu carro na Avenida Liberdade, cidade de Bayeux, no dia 5 de novembro de 1980, o poeta libertário Jurandy Moura voltava para casa após um dia cheio de atividades. Muitos planos (ainda mais!) estavam em sua cabeça. Ele acabara de voltar de uma

viagem à França, articulada pelo maestro Pedro Santos. Lá, aprendera técnicas de cinema e repassaria para cineastas e técnicos paraibanos através de cursos.

Infelizmente, faleceu aos 40 anos de idade, após colisão com um caminhão e ainda ser atingido por outro veículo. O velório foi realizado na Capela do Hospital Santa Isabel, em João Pessoa, e no dia 6 de novembro, às 17h, um cortejo de aproximadamente 300 pessoas acompanhou o féretro até o Cemitério Senhor da Boa Sentença, na capital paraibana, onde o corpo foi sepultado.

Mesmo com a morte precoce, ele conseguiu imprimir sua marca em várias vertentes da arte: poesia, cinema, movimentos culturais. Em maio de 2021, a vida e a obra do paraibano foram registradas em *Iluminações e Outros Poemas*, livro publicado pela Editora A União. Mais do que uma homenagem póstuma, a obra reaviva um importante capítulo da história cultural paraibana.

As 184 páginas do livro são uma oportunidade de recordar antigos versos, conhecer poesias inéditas e reascender, na memória, momentos vividos outrora, mas que já se perderam no tempo. Aos mais jovens, essa é uma forma de apresentar a trajetória e talento de uma das personalidades do Estado.

Jurandy deixou um conjunto de seis pequenos livros de poemas, sendo cinco inéditos. Somente *A Vida Simples* havia sido publicado pelas Edições Caravela em 1964. O prefácio da antologia é do poeta Sérgio de Castro Pinto (que assumiu a editoria do *Correio das Artes* após o falecimento de Jurandy Moura). O seu nome está imortalizado pela Academia Paraibana de Cinema, sendo patrono da cadeira 15, cujo ocupante é o ator Fernando Teixeira. ✦

Charles Perrone e o Delirranjo

DE UM NOVO TEMPO QUE SE INICIA



Charles Perrone é um poeta que só aos poucos vai revelando-se poeta. Não sei se por timidez ou excesso de rigor, o fato é que sua poesia chegamos em valises parcimoniosas. Mas quando se apresenta, revela-se de um modo de tão singular, que balança o modo do leitor na fruição do texto poético.

Como o fingidor pessoano, sabe que faz, mesmo fingindo que não. E nesse jogo de representação signica, sabe fazer o leitor sentir-se como aquele que sabe.

Eis aqui uma das virtudes dos grandes poetas: dominar a linguagem poética e encantar o leitor com as descobertas, as epifanias e os insights que provoca nele.

S o -

mente quem domina o ofício de fazer poesia (*poiésis*, no grego) é capaz de encaminhar o leitor por labirintos de revelações sempre inesperadas. Desautomatizadas, como nos diz ainda hoje, e talvez por bons anos ainda, o velho semioticista russo Chklóvski.

Ou coisas re-veladoras de um momento singular, como apregoa outro velho, este mais comumente lembrado, o filósofo alemão Heidegger.

Bem, voltando ao que dizíamos, o bom poeta nos surpreende porque sabe fazer daquilo que num momento fora prosaico, no momento seguinte, poético.

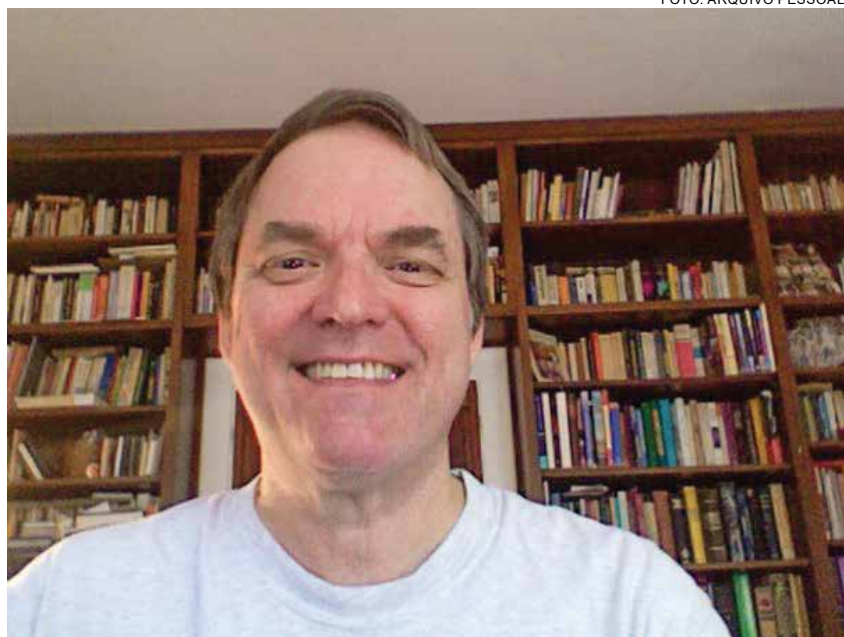
Charles A. Perrone é um desses. Brazilianista, leciona literatura e cultura luso-brasileiras na Universidade da Florida. Além de poeta é crítico literário, ensaísta e renomado estudioso da música popular brasileira contemporânea. Some-se a todas estas atividades, poeta (quase) bissexto.

Com *Delirranjo* (Florianópolis, Ed. Katarina Kartoner, edição bilíngue português e inglês), Perrone reúne um grande time de tradutores: Régis Bonvicino, Odile Cisneros, Adriano Espíndola, Paulo Henriques Britto – além dele próprio. Este detalhe é da maior importância, já que todos estes

Delirranjo: edição bilíngue reúne tradutores-poetas e presta homenagem ao mestre Décio Pignatari



FOTO: ARQUIVO PESSOAL



A poesia de Charles A. Perrone espraia-se em versos abundantes ou se guarda na contenção

tradutores têm um estreito convívio com a poesia, quer como tradutores e ensaístas, quer como poetas.

O livro inicia-se com uma homenagem “inter-americana ao mestre Décio Pignatari, falecido em 2012”. O poema “Liberdade”, de Décio, ganha releitura poética em “Imaginação” na qual os jogos paronomásticos, os anagramas e os palíndromos, em uma diagramação isomórfica, engendam um lance de palavras ideológico-poético. O verso “abre as asas sobre nós” condensa o que afirmo. Em tempo: este é o único caso em que o poema-fonte e o poema-derivado não são traduções, nem traduzidos.

“Aplauso absoluto” usa como epígrafe o neologismo “perhappiness”, que nomeia um poema de Leminski para, de imediato, indagar: “a perhappiness da performance?”.

Quem conhece a obra ensaística de Perrone sabe que ele aplica o conceito de performance à voz da poesia e da canção em seu próprio livro *Letras e letras da MPB*. Melhor dizendo: é preciso ler a intertextualidade explícita com o poeta curitibano, mas é preciso também ler a intratextualidade implícita com o próprio autor.

No compasso do poeta citado ele, poeta em ação, lança, ora aqui, ora ali, o brilho de dois neologismos: “vigilanciem” e “ser-meadas”. Assim, aplaude-se a poesia, o poeta e o poeta se autoaplaude num poema que é homenagem de homenagens,

“dança e canto” caetânicos, jogo de lances mallarmaicos. O verso final, bem ao estilo do grande *homen-ageado* curitibano: “o tempo curto em casa”, guarda consideráveis espaços entre os versos, ao modo da poesia concreta.

Já o poema “presente de fim de ano” vale-se da linguagem prosaica de tal modo que poderia ser escrito sob a forma de um bilhete. Todavia o poeta opta pela estrofe de sete versos (também conhecida como sétima ou septilha) e assim leva o leitor, sutilmente, aos encantos e sonhos de uma linguagem poética de forte tradição popular para tratar do mundo corriqueiro das festas de fim-de-ano: presentes, promessas, pro-vidências.

Por fim, conclui inesperada, heideggeriano-lacanianamente: “nós queremos a mesma coisa que é”. A Coisa. A busca da Essência. Existirmos, a quantas perguntas se destina? Poesia, teu nome é prédica e predestinação. A velha logopeia revisitada: poeta-profeta.

O tempo, que já aparecera nos dois poemas citados anteriormente, volta a ser um dos nós górdios em “Itinerário atualizado” – já desde o título um *update*, um *upgrade* temporal.

Se em “presente de fim-de-ano” o primeiro verso ao pontuar: “então ela também resolveu vir me pedir”, introduz uma narrativa *in progress*, deixando o leitor a ver navios – ou a imaginar e criar situações possíveis/plausíveis – o mesmo recurso, de lançá-lo em meio a um mundo em torvelinho, ressurge no verso que abre “Itinerário atualizado”: “e agora ser baixado para”. Sem dúvida, a linguagem dos dois poemas não somente acolhe o leitor, como projeta-o como coautor de ambos os poemas.

Os jogos sonoros dos versos iniciais de “paz interior” apontam para uma expansão do mundo a-lógico: “arreliando e / arrasando a razão”. Ri-se aqui o “ride, ridentes! / Derri-de derridentes”!, de Khlebnikov, na memorável intradução de Haroldo de Campos. Ou como o próprio Leminski destaca em seu livro sobre a biografia sobre Cruz e Sousa destacando o verbo rir genialmente incrustrado no vocábulo tristíssimo: “Ri coração, tristíssimo palhaço”.

Os versos seguintes de “paz interior” remetem ao mundo barrocodélico de Leminski ao mesmo tempo que somam-se ao universo haroldo-joyceano de compor neologismos: “seja cartesiano / discartesiano”. Um pôr e retirar, ao gosto barroco; um construir e desconstruir à la Derrida; um conter e expandir à la Deleuze. Enfim, um propor e descompor, sempre lúdicos. A palavra enquanto brincadeira, enquanto “promessa”, para “além da borda / a natural orla / sem limite preciso”, levando o leitor à zona do fronteiroço, da borda, da orla, do território sem limite.

A paz interior é um caso de afrouxamento, riso, desrazão, música e prazer. A poesia se apresenta como coisa que é – e que se autofaz.

“Um pedestre dantesco” e “Confissão de um pedestre senciente” retratam duas cenas de dor e morte.

- ▶ O pedestre do primeiro poema jaz
imóvel debruçado
no pavimento jamais andar
nem subir alturas itálicas
só pra cair tenebroso
inferno algum
eterno distante

O poeta mergulha uma palavra na outra, tecendo a cena como um todo inconsútil: jaz insere-se em jamais; o não andar (andar enquanto verbo e substantivo) mescla-se ao não subir; não subir desenvolve-se em alturas itálicas, referindo-se às cenas de morte do Edifício Itália, marco arquitetônico de São Paulo, que fica na região central da cidade, verdadeiro “inferno”. Inferno reverbera imagem e som em eterno. E Dante imiscui-se em distante.

Elo a elo, o poeta monta a cena numa descrição em movimento sobre um corpo inerte. O dentro e o fora do pedestre no redemoinho da cidade grande. Tudo aponta para o pedestre morto: moto-contínuo. Por isto mesmo a disposição dos versos do poema desenha a mancha gráfica de uma grande seta de trânsito, sinalizando a direção a ser tomada.

O segundo pedestre, do segundo poema, conta sua própria história de cegueira, sensações e morte, no vaivém do trânsito das esquinas. Um acidente, vislumbrado em meio a um clarão, espalha a escuridão e põe o pedestre em dúvida:

Um tremendo clarão até avassalador?
Dizem que aquilo é sinal de morte. Devo estar, pois, morto

Cego, aguçam-lhe os outros sentidos, e “ainda posso me ouvir perguntando em voz alta o que se passa”. Sente o cheiro do asfalto, do “ar que flui”, “o gosto da carne nos ossos dos dedos”. Numa paródia cartesiana, conclui entre irônico e sarcástico:

E se sinto, ainda que não de todo, sou.
E sou todo a favor de ser

O poeta, uma vez mais, brinca com a intertextualidade poética: os dois versos finais do poema resposta-homenagem de Augusto de Campos a João Cabral dizem: “nunca houve um leitor / contra mais a favor”. E este poema, ao promover a voz do morto, traz também a voz do poema em si, o canto do cisne, que Augusto já antecipava em “Diálogo a um”: “– Eu sou o Canto. Cada vez que morres / Eu nasço. Tu vives. Eu vivo sobre”. E conclui num verso oracular e metapoético: “– Sou o Poeta digo o que não morre”.

A poesia de Charles Perrone espraia-se em versos abundantes ou se guarda na contenção. Em ambos os casos, a contenção com a palavra que sabe, e que se sabe obrigada a uma cumplicidade com o rigor poético e com o leitor de poesia. Eis o que determina o tom e o tônus de *Delíranjo*.

Lira de um delírio: o de saber e o de saber-se poesia num mundo de acidentes e de asas que se abrem. Céu e inferno de

FOTO: REPRODUÇÃO



Charles Perrone aplica o conceito de performance à voz da poesia e da canção

Wall Street. Anjo. Anjo marginal. Charles da canção de Jorge Ben – replicante e replicável de um brasilianista que se sabe estrangeiro. (Em sua própria terra, também?). Por isto mesmo ele canta o canto da palavra, matéria concreta e viva da poesia que vai. Que segue. Que se entrega para lampejos, querer e pulsões do leitor. Uma poesia do tempo, do homem, da cidade. E, antes de tudo, do saber. Dos saberes plurais de um novo tempo que se inicia. ✖

Amador Ribeiro Neto é poeta, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)

Carlos Alt

Conselho

Aqui é que existes,
e não esperes outras terras
para viver o instante.

Aqui é que os pássaros
arrematam seus voos
e a chuva entoia cânticos de solidão.

Aqui é onde pousamos
nossas ambições e
debaixo das árvores tocamos as
fimbrias dos desejos.

Aqui antigamente ouvíamos músicas
nas lonjuras da memória e
pegávamos nas mãos os
fantasmas indormidos.

Aqui é que existes e
cultivas para sempre um
silêncio envelhecido.

O poeta é um lavrador
Carlos Alberto Jales

O poeta é um lavrador da memória,
disse Ruy Espinheira Filho

Para mim,
o poeta é um viajante
que nunca se encontrou

O navegante de um barco de papel,
um touro enfurecido abandonado,
num campo de avencas

Um guerreiro sem lança
preparando a fuga,
um vidente ofuscado pelo sol do meio dia,
um amante desesperado pela solidão

O poeta é sobretudo um lavrador
de um tempo de ferro,
um pintor de utopias,
o sopro de uma alma
lembrando as emoções (simuladas)

O poeta é um lavrador

O poeta é um lavrador da memória,
disse Ruy Espinheira Filho

Para mim,
o poeta é um viajante
que nunca se encontrou

O navegante de um barco de papel,
um touro enfurecido abandonado,
num campo de avencas

Um guerreiro sem lança
preparando a fuga,
um vidente ofuscado pelo sol do meio dia,
um amante desesperado pela solidão

O poeta é sobretudo um lavrador
de um tempo de ferro,
um pintor de utopias,
o sopro de uma alma
lembrando as emoções (simuladas)

Passado

(A Lourdes Nicássio: poetisa, romancista, animadora cultural)

Já fui náufrago de mim
Já percorri distâncias esquecidas
Já prescruitei palavras em mares de assombro
Já escutei o murmurar de estrelas
Já vi o silêncio brotar de flores e espinhos
Já habitei um oceano inútil,
Empobrecido de algas e solidão
Já persegui sombras errantes entre vales e desertos
Já vi narcisos morrendo em lagos interiores
Já tive anelos de poeta,
mas só me saiu da boca o sopro de uma flauta arredia

berto Jales



ILUSTRAÇÃO: TONIO



Carlos Alberto Jales Costa é natural de Natal (RN) e reside em João Pessoa (PB). Formado em Filosofia e Direito, lecionou em várias instituições de ensino superior, entre as quais a Universidade Federal da Paraíba e Universidade Católica de Pernambuco. Já publicou diversos livros nas áreas de educação e poesia. 'Vindimas da solidão' (poesia) é o mais recente.

Quarenta dias: um lugar de ausentes



O livro *Quarenta Dias* (2014), da escritora Maria Valéria Rezende, surgiu de uma situação curiosa. No dia 13 de outubro de 2011, o Diário Oficial da União publicou uma portaria que autorizava, por intermédio da Lei Rouanet, a captação de recursos para um projeto literário chamado Redescobrimo o Brasil. Segundo a entidade proponente, a produtora paulistana Motirô, Planejamento e Gestão Ltda., o projeto consistia em uma coleção de 14 livros de autores nacionais, que viajariam para 14 cidades brasileiras de estados diferentes, cada um com uma “missão”: escrever um livro numa das cidades,

a partir das impressões colhidas no local e das relações estabelecidas durante a viagem, “revelando e redescobrimo um Brasil vasto e diversificado”. A portaria autorizava a captação de cerca de R\$ 672 mil via isenção fiscal das empresas interessadas em patrocinar o projeto. A produtora teria até o fim daquele ano para angariar os recursos.

No mesmo mês da publicação da portaria, o caderno ‘Ilustríssima’, da *Folha de São Paulo*, veiculava uma reportagem que informava mais detalhes sobre o projeto. Com a curadoria dividida entre os escritores Adriana Lisboa e Luiz Ruffato, idealizadores da coleção, o Redescobrimo o Brasil já teria definidas algumas das 14 cidades que fariam parte do roteiro, bem como os respectivos autores escalados para viajar até elas, como Beatriz Bracher (Belém), Maria Valéria Rezende (Porto Alegre), Livia Garcia-Roza (Salvador), João Anzanello Carrascoza (Natal) e Flávio Carneiro (São Paulo). Todos os autores da lista eram agenciados pela agente literária Lúcia Riff.

Na reportagem, Raquel Cozer referia-se ao projeto como um “filhote mais modesto do Amores Expressos”, uma alusão à coleção da editora Companhia das Letras que, em 2007, enviou 17 escritores brasileiros a 17 cidades do mundo com um pressuposto similar, embora mais abrangente: produzir livros que, como bem sugeria o título da coleção, ▶

FOTO: DIVULGAÇÃO



Cotada para projeto que não decolou, Maria Valéria não esmoreceu e, com recursos próprios, empreendeu uma viagem de imersão à Porto Alegre que lhe rendeu um livro

▶ versariam sobre o amor em grandes cidades e seriam posteriormente adaptados para o cinema.

Concebida por Rodrigo Teixeira, da produtora paulista RT Features, *Amores Expressos* tinha o valor orçado inicialmente em mais de R\$ 1 milhão. Uma proposta de captação de parte dos recursos por meio da Lei Rouanet chegou a ser encaminhada para o Ministério da Cultura, mas Teixeira desistiu de dar entrada no processo. A reportagem lembrava a repercussão negativa da *Amores Expressos* na mídia, com críticas virulentas de jornalistas e escritores sendo reproduzidas por revistas como a *Veja* e jornais como a própria *Folha de São Paulo*, questionando o papel da Lei Federal de Incentivo à Cultura em projetos daquela natureza.

Diferentemente de seu suposto modelo, que rendeu dez títulos lançados, entre 2008 e 2013, pela Companhia das Letras, a coleção *Redescobrimdo o Brasil*, que teria seu catálogo vinculado à editora Casa da Palavra, jamais foi levado a cabo. A escritora Maria Valéria Rezende, porém, decidiu empreender mesmo assim a viagem a Porto Alegre, valendo-se de recursos próprios e mantendo-se fiel ao plano de utilizar a capital gaúcha como cenário para um livro inspirado na interação estabelecida com a população local.

UMA AUTOFICÇÃO DE DENTRO PRA FORA

No romance de ficção resultante da experiência, Alice é uma professora aposentada, viúva, com idade próxima aos sessenta anos, que é convencida pela filha a deixar sua vida em João Pessoa para ir morar no Sul do país e ajudá-la a enfrentar as complicações de uma futura gravidez. Depois de se desentender com a filha, que desiste da ideia da gravidez e abandona a mãe em Porto Alegre para passar uma temporada no exterior, Alice decide vagar por 40 dias pelas ruas da metrópole gaúcha em busca do filho desaparecido de uma amiga.

Em entrevista a Sérgio Rodrigues, a autora revela: “Por 15 dias fiz basicamente o que Alice fez. Perguntei

IMAGEM: REPRODUÇÃO



‘Quarenta Dias’: autora aplicou a estratégia autoficcional que se encontrava na raiz do projeto Redescobrimdo o Brasil

a todos onde eu poderia encontrar Cícero Araújo, que era invenção minha, e ia atrás dele. Voltava para casa à noite, mas cheguei a dormir em rodoviária, aeroporto e hospital, onde tinha abrigo, porque uma velhinha de 70 anos não pode abusar e eu não estava para fazer sacrifício da minha vida por causa de uma ideia de romance. (...) Nessas andanças, percebi que metade do mundo é feita de gente sumida e a outra metade está procurando quem sumiu – não apenas aqueles que foram para a rua, mas também os que não quiseram mais dar notícia.”

A autora aplicou a estratégia autoficcional que se encontrava na raiz do projeto *Redescobrimdo o Brasil*, conquanto tal estratégia tenha servido a um contexto de antemão forjado: o desaparecimento de Cícero Araújo, um personagem paraibano, filho de uma amiga de Alice, que imigrou para Porto Alegre seduzido pelas promessas de emprego e desapareceu sem dar notícias à mãe que ficou em João Pessoa.

Um artifício que parece operar de forma inversa ao procedimento adotado pelo escritor Sérgio Sant’Anna em *O Livro de Praga* (2011), um dos

títulos da coleção *Amores Expressos*. A história é narrada por Antônio Fernandes, um escritor que está na terra de Kafka em circunstâncias análogas àquelas em que está o seu criador: para escrever um livro sob encomenda dentro de um prazo de um mês.

Em depoimento transcrito por Catharina Epprecht no seu estudo sobre *A Imaginação na Escrita de Si*, Sant’Anna narra sua passagem pela Ponte Carlos, na capital tcheca, que motivou uma das narrativas que compõem o romance. “Não vou falar de nada que eu tenha vivido aqui, mas do que a minha imaginação viveu”, diz o escritor, introduzindo a ideia de “vivência imaginária”.

Enquanto, dentro da lógica autoficcional, Sérgio Sant’Anna parte de uma situação real para chegar a uma experiência imaginária, Maria Valéria Rezende faz o contrário: parte de uma situação imaginária para chegar a uma experiência real. Essa autoficção de dentro para fora reflete uma certa rejeição da autora por um gênero que, de acordo com Martins (2010), foi criado pelo francês Serge Doubrovsky e alcançou, no Brasil, ampla ressonância.

Descrevendo seu processo criativo para o site 2 Mil Toques, Rezende afirma que “jamais poderia fazer autoficção, assim como muita gente diz que faz, que fica escarafunchando os seus sentimentos mais profundos e não sei o quê. Isso eu jamais seria capaz de fazer.”

Em viagem autoficcional, portanto, a escritora Maria Valéria Rezende jamais seria aquela que, conforme poetiza Sérgio de Sá, lembrando o *Eu é um outro* de Rimbaud, viaja “ao umbigo, de onde tudo (se) partiu”. Antes, este movimento se dá em direção ao outro, a uma experiência de alteridade que, só então, poderá elaborar a escrita que fará de si mesma.

UMA ESCRITA DE SI PELOS OUTROS

Em *Quarenta Dias*, Cícero Araújo é o que Carol Bensimon chama de “personagem ausente”. Ele é constantemente referido pelas outras personagens; não está em cenas, mas em sumários; não age, mas ▶

◊ ao rés da página

FOTO: WILTON JUNIOR/ESTADÃO CONTEÚDO

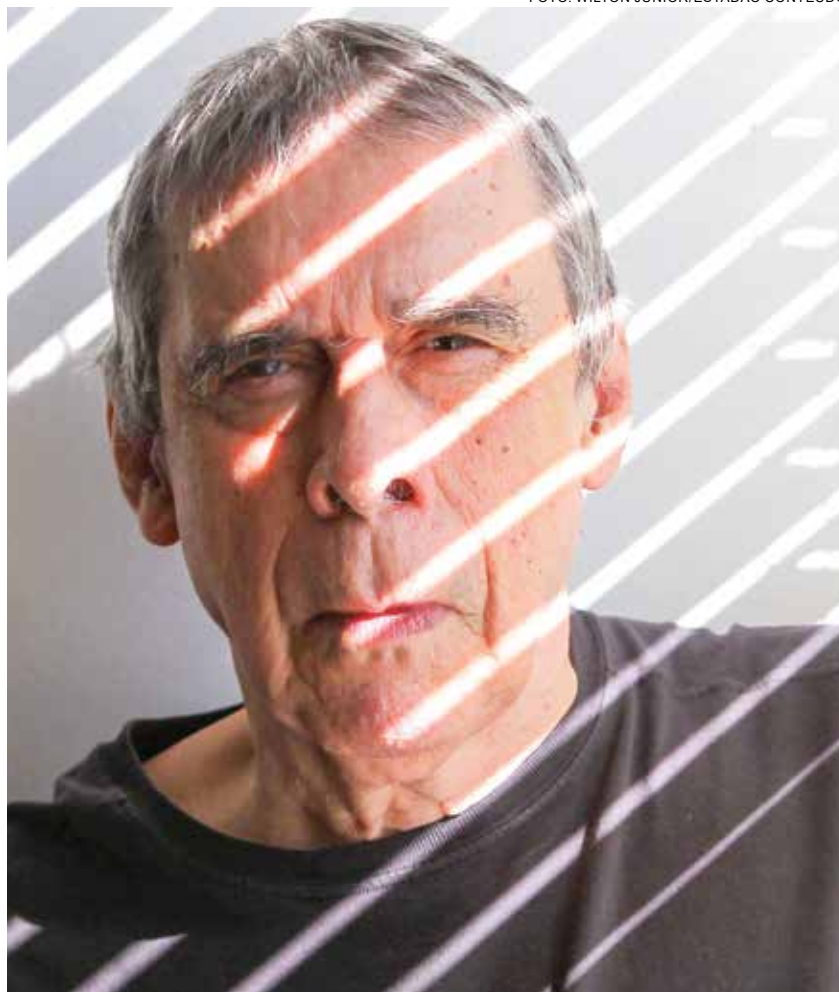
► faz a personagem Alice agir, sendo o centro de um dos conflitos da narrativa. A desapareição de Cícero Araújo em Porto Alegre desperta a compassividade de Alice, que já experimentou o desaparecimento de muitas formas. Paira sobre a narradora (que apesar de não ser pobre também é imigrante e, além disso, mulher, mestiça e idosa) o manto da invisibilidade social, que reveste também os personagens de vários outros romances de Maria Valéria Rezende e poderia se dizer que é, talvez, o tema central de sua obra.

O *Voo da Guará Vermelha* (2005), sua estreia no gênero, faz um cruzamento das trajetórias de Rosálio, um pedreiro analfabeto, e Irene, uma prostituta soropositiva. Rosálio foi o modelo para Marílio, o artista popular de *Ouro Dentro da Cabeça* (2012), outra narrativa longa. A respeito dos personagens destes dois romances, Alfredo Monte diz que a autora, “também contumaz viajante por todo o vasto mundo, incorporou em si, quase como uma alma gêmea, a dicção Rosálio-Marinho, e que esta por sua vez é uma alegoria do povo brasileiro, que, das praças, dos groões, dos lugares não-midáticos, dá o ar da graça nas páginas”.

Voltando ao já citado Sá, que analisa justamente o papel dos meios de comunicação de massa no modus operandi do “escritor em viagem”, vemos o quanto a prosa de *Quarenta Dias* se distingue dentro de uma cepa que vem explorando ao extremo do paroxismo o discurso de entre-lugar do escritor latino-americano apontado por Silviano Santiago.

Rasgando aquele manto de invisibilidade social de seus personagens, escolhendo uma realidade brasileira que não deixa de ser estrangeira a uma narradora que dispõe de condições materiais razoáveis e abdica delas para viver nas ruas, o livro se distancia de casos como o de *Budapeste* (2003), bastante discutido quando se levanta a questão do deslocamento do escritor na literatura contemporânea.

“Virou moda um escritor se alojar por um curto tempo numa cidade que lhe é alheia e produzir um livro a partir de uma situação fugaz”,



“Vivência imaginária”: na contramão da narrativa de Maria Valéria, o escritor Sérgio Sant’Anna, na obra ‘O Livro de Praga’, trocou as experiências que ele viveu pelas que sua própria imaginação vivenciou

diz Monte. “Ou então, como em *Budapeste* (...), o nome da cidade (que acaba sendo um lugar-comum) servir como mote de uma trama que enfatiza uma ‘poética da pós-modernidade’, por um lado, até angustiantemente fantasmagórica; por outro, sofisticada e cosmopolita.”

A “poética da pós-modernidade” não interessa a Maria Valéria Rezende. Se a autora recorre a uma literatura que restaura a figura do *flanêur* tal qual conceituada por Walter Benjamin, não é para desfigurá-la com um personagem burguês por excelência (como o escritor José Costa, de *Budapeste*), mas para atualizá-la com a sua Alice, um ser muito mais próximo ao que Behrens (2010, p. 99), falando sobre o *flanêur* benjaminiano, chama deste “cachorro solto, que não sabe mais fazer uso dos seus instintos”, mas que também não “internalizou ainda a nova capacidade de sobrevivência”.

Nesse “não-lugar”, o que interessa é “a dinâmica da exclusão, a

urbanização segregacionista que faz com que, sob o anseio de um perfil Dubai, onipresente nas metrópoles, aquele que porventura se extravie, encontre brechas inquietantes, realidades alternativas, como aquelas que Alice encontra na sua peregrinação ziguezagueante por conta de Cícero Araújo. Fendas (“rachaduras na superfície da cidade”) por onde é fácil desaparecer para sempre, tornar-se invisível e não-cidadão.”

O MANUSCRITO SUSTADO

A crítica da narradora-escritora à ►

▶ superfície pela qual vagou está ora na própria superfície, ora nos subterrâneos da ironia. Alice escreve em um caderno com uma imagem da boneca Barbie na capa: um ícone do consumo, que a certa altura da narrativa praticamente se humaniza e se torna a interlocutora de uma mulher solitária, que compara a miséria das ruas à miséria da classe média. “A rua é cheia de coisas sem muita serventia, Barbie, do mesmo jeitinho que os quartos das meninas de hoje que você costuma frequentar, só o preço é que difere”. A boneca Barbie é também um signo de uma geração à qual Alice não pertence, signo que, ao ser apropriado, só realça a sua inadequação em um mundo em que “a idade adulta sumiu, comprimida entre a juventude esticada até o limite do indisfarçável e a tal da melhor idade”.

O caderno infantil é o único objeto que Alice conserva de sua vida pregressa em João Pessoa, uma vida que foi dilapidada em um brechó de garagem durante a mudança para Porto Alegre. As páginas em branco são os bastiões de uma autonomia perdida, e é nelas que a heroína vai reconstruir a fortaleza de um reino próprio, tendo como base todo o material que trouxe das ruas: guardanapos amassados, comandas de padaria, panfletos promocionais. Tudo serviu de documento para anotar as impressões que colheu ao longo do período que passou fora do apartamento.

Sobre estes quarenta dias do título, Alice alude frequentemente a eles como uma “quarentena”, provocando uma incômoda noção da indigência como uma endemia, da qual a sociedade precisa se livrar isolando sadios de doentes. O espaço de tempo também se remete ao jejum de Cristo no deserto, associação que se faz ainda mais pertinente se pensarmos nas duas sagas como variações dos monomitos detectados por Campbell: como Jesus do deserto, Alice volta das ruas com sua revelação, e ela se dá a partir daquele lixo que, em vez de serem varridos para baixo dos tapetes de concreto das nossas grandes cidades, são convertidos em relato, em literatura.

É interessante notar como a edi-

ção do romance em livro, feita pela Alfaguara, nos evoca este scrapbook elaborado a partir de um caderno em espiral manuscrito com as colagens dos papéis que a personagem Alice vai acumulando. As imagens que compõem a capa e intercalam as seções do livro têm a grafia da própria Maria Valéria Rezende e são derivadas de documentos que ela coletou durante viagem ao Rio Grande do Sul. Além de reforçar o tom de autoficção, o projeto gráfico cria um ar de metaficção: o romance que temos em mãos é o romance que Alice escreveu, o testemunho do que ela viveu, de fatos que são escritos no verso das coisas, que ficam ocultos por trás da versão de uma História oficial que circula de mão em mão no cotidiano de uma cidade. Neste romance não está narrado o que se imprime no jornal, mas o que se rabisca na margem da foha antes de ela ir para o lixo. Uma história feita entre as lacunas do que foi preenchido por quem tem direito a voz no púlpito das capitais. Uma história feita de supressões e de acidentes.

A própria forma de escrita se deixa afetar por este percurso acidental. Em seu diário, Alice deixa frases por concluir, interrompendo-as antes de completar o raciocínio. Trata-se do “limbo tranquilizante da escrita desenfreada”, um limbo onde a criação é aquele “gesto inacabado” de Qu-Salles Cecília Almeida Salles em seu livro homônimo. Alice não escreve para ser lida. Sequer imagina que possa vir a ser. Escreve, talvez, como tantos outros personagens de Maria Valéria Rezende, porque a literatura é o único instrumento de redenção que encontra na precariedade da sua vida. Como Rosálio, o analfabeto de *O Voo da Guará Vermelha*, que carrega livros no baú e procura quem os ajude a lê-los, Alice carrega os seus em uma mochila de rodinhas decorada com uma personagem de mangá

japonês (outro ícone de consumo, outro ícone do conflito geracional em que ela está enredada). Quando sente frio, é dos volumes com capa dura que ela faz uma cama para se proteger.

Os livros mediam o contato de Alice com o que se passa ao redor dela, e não são gratuitas as tantas e tão longas epígrafes que cortam o livro, com autores estrangeiros e brasileiros de várias regiões do país, publicados por grandes e pequenas editoras, todos formando um mesmo cânone. Soaria incoerente se *Quarenta Dias* não almejasse, no diálogo que estabelece com os autores que lhe dão mote, a mesma pluralidade que almeja na representação de um leque de personagens ausentes na literatura contemporânea. Ausência aqui sendo entendida não mais na acepção de Carol Bensimon, mas na de Regina Dalcastagnè, que ao mapear os personagens presentes em narrativas brasileiras contemporâneas publicadas entre 1990 e 2004, constatou, por exemplo, que a menor ocorrência de protagonistas e narradores se dá na velhice, faixa etária que a nossa Alice está.

Na “guinada da subjetiva” atestada por Beatriz Sarlo em nossa época, torna-se fundamental a participação de sujeitos marginais na construção narrativa do presente, com seus discursos de memória tão silenciados em prol de um futuro que só agora vem se revelando esclerosado. Produto de um tempo em que história e literatura, ficção e realidade, autor e personagem trocam, compartilham ou até mudam de lugar no comboio da subjetividade, o diário de Alice/Maria Valéria Rezende em *Quarenta Dias* nos torna possível cartografar muitos mapas pelos caminhos que ele vai nos abrindo. ✦

Tiago Germano é autor da coletânea de contos “Catálogo de pequenas espécies” (2021, do romance “A Mulher Faminta” e do volume de crônicas “Demônios domésticos” (2017), indicado ao Jabuti. Seu novo romance, “O que pesa no Norte” (2022) está atualmente disponível no site da editora Moinhos.

Em nome do sol,

DO FALO, DO FILHO E DO POETA
SAULO MENDONÇA

Abah Andrade, Lucas Gonçalves e Rogério Trindade

Especial para o *Correio das Artes*

"P odemos dizer, então, que a interdependência da morte e do sexo, sua importância como aspectos complementares de um único estado de existência e a necessidade de matar (matar e comer) para a continuidade desse estado de ser, que é o do homem na terra e o de todas as coisas na terra, os animais, os pássaros e os peixes – esse tocante e emocionalmente perturbador vislumbre da morte como sendo a vida dos vivos, é a motivação básica que sustenta os ritos ao redor dos quais se formou a estrutura social dos primeiros agricultores aldeões." (CAMPBELL, 1992, p. 150).

O culto ao Sol seria, porventura, um desses rituais. O sol, na mitologia egípcia, é Rá, o Deus Sol. Teria sido concebido como criador dos deuses e da ordem divina. Entre os astecas, o Sol era o referente de duas divindades: Huitzilopochtli, deus guerreiro; e Tonatiuh, que devia atentar para a ordem geral do atual estado do mundo. E também entre os gregos o Sol era tanto Hélios, o sol em si e sua carruagem a atravessar o orbe terrestre ao longo do dia, quanto Apolo, o deus das artes, da cosmética (a bela ordem do mundo, cosmos) e o fornecedor de oráculos. Os africanos também tinham sua divindade solar: Liza, deus do calor, da força e das atividades diárias que põem em ordem o curso da vida. Os chineses têm o mito dos dez sóis: um para cada um dos dez dias de sua semana. Os sumérios também tinham um deus Sol, Shamash, portador de uma adaga como símbolo da justiça.

Embora os japoneses tivessem uma deusa como Sol, todos esses outros eram deuses masculinos, imponentes e belos e vigorosos. O Sol é Falo, pura potencialidade desencadeadora de movimento.

Em seu *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, C. G. Jung narra uma sua experiência pessoal que ilustra este caráter fálico do simbolismo solar. Conta que, em 1906, deparou-se com uma curiosa fantasia de um paciente há muitos anos internado, no hospital em que Jung trabalhava, por uma esquizofrenia incurável da qual sofrera desde a juventude. Certo dia, o doutor Jung encontra o referido paciente a olhar, pela janela do hospital, o Sol, enquanto piscava os olhos e movia a cabeça para um lado e para outro.

O paciente convidou, então, o doutor Jung a fazer o mesmo, espantando-se, em seguida, ao constatar que

Zé Ramalho dá uma tripla definição da noite na canção 'Beira mar': 'Eu entendo a noite como um oceano / que banha de sombras um mundo de sol; / Aurora que luta por um arrebol / de cores vibrantes e ar soberano, / Um olho que mira nunca o engano / durante o instante em que vou contemplar'

FOTO: DIVULGAÇÃO



▶ ele nada via, além, é claro, do mesmo Sol de todos os dias. “O senhor está vendo”, disse o esquizofrênico, “o pênis do Sol – quando movo a cabeça de um lado para outro ele também se move e esta é a origem do vento.” (JUNG, 2000, p. 61).

Qual não foi a surpresa do doutor Jung, que ciosamente conservou, junto com sua incompreensão, o relato da experiência em seu diário pessoal, ao se deparar, quatro anos depois, em um livro do filólogo Albert Drietrich, com a narrativa de uma experiência mística encontrada em um papiro grego, registrando uma liturgia mitraica pela qual o iniciado, pela contemplação do disco solar, chegaria a visualizar, pendente do Sol, algo semelhante a um tubo, que o autor do texto identifica como sendo a origem dos ventos?

Podemos, então, supor que, nesta identificação do Sol como o pai dos ventos, opere já o motivo, recorrente ao longo da história de todas as tradições religiosas, da fuga do homem com relação à morte e ao desamparo que a iminência constante da morte e do desamparo desperta, fuga que ocorre pela atribuição de significação aos aspectos caótico e destrutivo da existência, colocando-se com isso um eixo de sentido ali onde tudo gira sem centro e sem estabilidade.

O Sol, ao mesmo tempo em que propicia o dadivoso calor que dá cabo ao manto frio que a noite estende sobre a terra, dissipa também as trevas com sua luminosidade, permitindo reconhecimento de contornos e distinção de formas: isso também conta na faina da busca pela estabilidade.

O Talmud questiona: Quando começa a manhã, para que o homem saiba que chegou a hora de levantar-se e louvar ao seu Criador? O parâmetro é a possibilidade de realizar distinções entre os seres: “Desde o momento em que se consegue distinguir entre branco e azul celeste. Rabi Eliezer diz: entre azul celeste e verde folha. (...) Rabi Meir diz: desde o momento em que é possível distinguir entre o lobo e o cão. Rabi Akiva diz: entre um burro e um burro selvagem. E outros dizem: desde a hora em que uma pessoa vê seu amigo a uma distância de quatro cúbitos e consegue reconhecê-lo.” (TALMUD BAVLI, Berachot 9b). À luz diurna do sol cada coisa retorna ao seu devido lugar!

Em meio a essas tentativas de compreensão da relação noite/sol, o poeta Zé Ramalho havia percebido algo relevante ao dar sua tripla definição de noite, na canção oportunamente intitulada “Beira mar”. “Eu entendo a noite como um oceano / que banha de sombras um mundo de sol; / Aurora que luta por um arrebol / de cores vibrantes e ar soberano; / Um olho que mira nunca o engano / durante o instante em que vou contemplar.”

Aqui, a noite funciona, em primeiro lugar, como o mar da indistinção, recorrendo o poeta ao simbolismo do oceano como o lugar em que tudo se encontra misturado em estado caótico, como a sopa primordial de cuja dissociação apenas podem provir todos os seres, a consciência antepredicativa e prerreflexiva que antecede e possibilita a transformação do som em voz articulada.

Em segundo lugar, a noite constitui o lugar natural de retorno da distinção, uma vez que a aurora tende ao momento crepuscular, que desfaz novamente toda articulação “em cores vibrantes e ar soberano”. Por fim, como uma síntese das duas primeiras conceituações poéticas da noite, esta aparece como a dissolução do engano, e aqui poderíamos pensar que a luminosidade do dia, ao dissociar as coisas e os seres, é propiciadora do engano da substancialidade, da aparência ilusória e pré-crítica segundo a qual as coisas e os seres possuem existência separada.

A noite dissolve, então, o engano, ao ocultar as coisas e os seres, mostrando sua copertinência mútua uns aos outros e sua pertinência última ao caos telúrico que constitui, como diz Augusto dos Anjos, “a escuridão do cósmico segredo, / Da substância de todas as substâncias!”: não tanto o Nada, mas a Coisa mesma como o positivamente indeterminado.

Em sua Poética do espaço, Bachelard reencontra o medo antropocósmico do homem entregue às situações mais primitivas no porão da casa em que o herói do romance O antiquário de Henri Bosco procura refúgio. As raízes da casa se convertem, nesta página em que o real e o sonho perfazem uma unidade, nos mais íntimos interstícios da própria alma humana, de há muito escondidos pela potência luminosa da divindade solar.

Penetremos no reino do caos telú-

rico, em que a divindade do sol ainda não foi estabelecida. “Aos meus pés a água surgiu da escuridão. A água!... uma bacia imensa!... E que água!... Uma água negra, parada, tão perfeitamente plana que nenhuma ruga, nenhuma bolha de ar lhe turvava a superfície. Estava ali há milênios, represada pela rocha, e estendia-se num único lençol insensível; e tornara-se, na sua ganga de pedra, a própria pedra negra, imóvel, cativa do mundo mineral. Desse mundo opressivo ela suportara a massa esmagadora, a enorme acumulação. Sob esse peso, parecia que ela mudara de natureza, infiltrando-se através da espessura das lajes de calcário que lhe guardavam o segredo. Tornara-se assim o elemento fluido mais denso da montanha subterrânea. Sua opacidade e consistência insólita faziam dela uma espécie de matéria desconhecida e carregada de fosforescências, de que só afloravam à superfície fugidias fulgurações. Signos dos poderes obscuros em repouso nas profundezas, essas colorações elétricas manifestam a vida latente e o temível poder desse elemento ainda adormecido. Eu tremia.” (BOSCO apud BACHELARD, 2008, p. 41).

A água pétreo do porão revela a proveniência das coisas e dos seres que durante o dia aparecem como dotados de forma distinta e substancialidade: não são senão fugidias fulgurações na superfície do oceano profundo, da matéria desconhecida que constitui a própria linguagem como a indeterminação primordial donde toda determinação provém.

Ora, todo esse complexo de fulgurações semânticas sobre a morte e o sexo, o sol e a noite, a origem dos ventos e a origem, o caos telúrico e a busca por um sentido da existência e na existência emerge da leitura de um pequeníssimo e altamente sugestivo poema do conterrâneo de Augusto dos Anjos e contemporâneo de Zé Ramalho, o poeta Saulo Mendonça Marques. À página 14 de seu livro *Libélula 100 haikais*, de 1990, com efeito, nosso Poeta nos dá o ensejo de ler a seguinte pérola literária:

Entre as coxas
da serra, o sol
nasceu por um acaso.

Muitos dos haikais de Saulo Mendonça têm algo de pilhéria. Como, por exemplo: “O advogado discursa/ ▶

- ▶ duas palavras soltas/habeas corpus". Não é diferente com esse.

A quebra de expectativa provocada pela troca de uma única letra, em ocaso, quando se tem em mente a expressão "por acaso", obriga o leitor, logo de partida, a fazer uma dupla leitura do poema: foi por meio de um acaso que o sol nasceu; foi para terminar uma hora, num ocaso, que o sol teria nascido.

No primeiro ato de leitura, parece haver o paradigma de um juízo sobre a existência em sua gênese, e aqui a pilhéria: a existência em geral, como a do sol, não seria necessária, obra do acaso; no segundo ato, teríamos um juízo sobre sua teleologia: nasce-se por um acaso a fim de que simplesmente se morra. O poeta, ao pôr o sol sob essa condição "humana" de nascer por "entre as coxas", como que rebaixa sua divindade. Como esta última, está de algum modo ligada ao caráter de "falo" do sol, ao rebaixá-lo o poeta também poderia estar rebaixando esse recurso à estabilidade que a ideia de "falo" impõe.

A serra, por sua vez, ao abrir suas coxas, graciosamente sorri, com o canto da boca, das esperanças megalomaniacas do Falo, isto é, da pura potencialidade, para quem morrer significa transforma-se em ato e, portanto, preservar-se. Para a pura potencialidade, ainda cheia de si, o ato inicial, o Ocaso propiciado pela serra, é apenas um trampolim, um limiar que ele precisa cruzar para seguir sendo o que é, tendo apenas abandonado a velhice que o conduz a seu rebaixamento crepuscular.

A serra testemunha tais esperanças, e seu sorriso de canto de boca tinge, na hora do Ocaso, o firmamento com a cor rosada dos lábios que são os seus. A serra, o ato inicial, é mais antiga que o sol (é de suas coxas que o sol nasce). Ela tudo suporta. É a mater universalis, o amparo insondável do Ser. Ela já o viu muitas vezes e sabe que o Ocaso do sol é efetivamente a condição de um renascimento. Mas este é, enquanto tal, não o nascimento do "mesmo", mas do "novo". A potência precisa abandonar-se completamente para chegar a ser o que é: um frágil recomeçar. O ato inicial não é apenas um trampolim, mas o sacrifício mais radical da potência, a morte de seu pequeno ego brilhantemente fugaz, que julga poder assenhorear-se do mundo, para, na consciência do oca-



Poeta Saulo Mendonça:
haikai com algo de pilhéria
ao pôr o sol sob a condição
"humana" de nascer por
"entre as coxas"

so, vir a ser aquela reiterada tentativa de um recomeço.

O sol que renasce é sempre outro, e para ele constitui velhice julgar que o renascido será o mesmo. É este tipo de velhice que o conduz ao Ocaso, à transformação radical, que ele julga ser apenas ocasional, entre as coxas do conseqüente que é, na verdade, o antecedente: ali onde ele "morre", no ocaso, é também de onde "nasce": entre as coxas da serra. "Uma visão de mundo extraída da lição das plantas, representando o indivíduo como uma mera célula ou momento de um processo mais amplo – o da família, da raça ou, em termos ainda mais amplos, da espécie – desvaloriza de tal maneira os primeiros sinais de espontaneidade pessoal, que até mesmo cada impulso à autodescoberta é eliminado. 'Em verdade, em verdade, vos digo: se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer, produzirá muito fruto.' Essa nobre máxima representa

o sentimento que une a sociedade sagrada – o que quer dizer, a igreja militante, que sofre e triunfa – daqueles que não desejam ficar sozinhos." (CAMPBELL, 1992, p. 199).

Ora, a ser assim, pode-se entender um pouco o desespero do sol: suas infinitas tentativas de "recomeçar" e suas constantes constatações de que permanece sozinho. O sol é o grande solitário. Sua "igreja" ou "congregação" é uma constelação que permanece à parte.

E, ao mesmo tempo, não ressoa ▶



FOTO: PIXABAY

no renascimento do sol o símbolo último da própria vida? O ciclo do eterno retorno marca de modo fundamental o haikai de Saulo Mendonça, que traz para o jogo da vida, do perecer e renascer, aquilo que reúne como acontecimento de Ser. A verdade do Sol está em brilhar, alimentar de vida o vale oculto no poema. Seu ocaso abriga o mistério, deixa vir à cerca as forças ocultas do esquecimento, fecunda o nascimento seguinte, entre as coxas da serra, do fenômeno renovado. O ocaso é a necessidade de escuro e esquecimento, que Nietzsche entende como parte não apenas da vida orgânica como também de toda ação: “Todo agir requer esquecimento: assim como a vida de tudo o que é orgânico requer não somente luz, mas também escuro”. Por um segundo, o desejo sob a carne e o incontido se anuncia como esquecimento dos vetos sociais, se manifesta como pura vontade solar. Ocaso e nascer não são opostos, mas o poema os encadeia para além da causalidade: o nascer é ser-destinado pelo Ocaso. Ocaso é, ao mesmo tempo, precedência e vir-a-ser. O falo que brilha, por ocaso, não é um acidente, é uma honestidade: um apelo ao desejo da própria vida que clama pela circularidade da reprodução, da primavera do vale oculto pelo poema. O sol que se consome no ato de brilhar responde ao vale que se esconde por baixo das coxas da serra. O nascer do sol, que poderia ser visto como mero acaso, é reunido pelo poema com as forças profundas do outro instante da vida, marcado pelo Ocaso, pela entrada da noite e seus mistérios de morte, e de sexo.

Com efeito, se relemos o poema pensando o termo “ocaso” como uma rima mental de “orgasmo”, podemos refazer o caminho que acabamos de traçar, com a relação ocaso/acaso, e redescobrimos a glória dessa finitude do sol: o orgasmo. O segmento “entre as coxas” permite essa ilação. Ela remete a uma conotação

O Sol, ao mesmo tempo em que propicia o dadivoso calor que dá cabo ao manto frio que a noite estende sobre a terra, dissipa também as trevas com sua luminosidade

erótica que sugere deixar ressoar no ouvido mental a palavra orgasmo na palavra ocaso. E, então, temos que, por um orgasmo acontecido, entre as coxas da serra, o sol nasceu. Mas, do mesmo modo, para que o sol teria nascido? “Por um orgasmo”, ou seja, a fim de vir gozar. Se, a partir disso, retomamos a tese defendida alhu-

res por um de nós que escrevemos este texto, segundo a qual os poetas brasileiros do século 20 escrevem, todos, tentando responder à pergunta deixada em aberto pela poesia de Augusto dos Anjos, então podemos dizer que a resposta poética de Saulo Mendonça se dá nesse entrelaço de arqueologia e teleologia, que embaraça a questão deixada por Augusto dos Anjos, para melhor respondê-la na tensão aliviada da pilhéria.

A pergunta de Augusto dos Anjos, diz Abah Andrade em seu ensaio “Augusto dos Anjos: origem da moderna poesia brasileira”, era a “neurose estrutural” de uma recusa por responder, no prezado tio da existência, sobre por qual via seguir, o da arte, da pesquisa estudiosa ou da orgia sexual. Saulo Mendonça sugere: o ocaso, o acaso e o orgasmo formariam um mesmo nó. E é nesse nó que permanecemos em nossa ascensão ou passagem pelas coxas da vida, que é fecundação, paisagem; gozo e morte, alimento e passagem: nossa intrínseca condição de “filho”. ✦

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. Augusto dos Anjos: origem da moderna poesia brasileira. In: Mimesis, a unidade plural. Ensaios de filosofia da literatura. In: Filosofia da cultura e da literatura, tomo 1. João Pessoa: Rubaiyat, 2020.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. Tradução Antonio de Paula Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CAMPBELL, Joseph. As Máscaras de Deus: Mitologia Primitiva. Tradução Carmen Fischer. São Paulo: Palas Athena, 1992.

JUNG, Carl Gustav. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Tradução Maria Luiza Appy; Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

NIETZSCHE, F. Considerações extemporâneas, in: Obras incompletas. Col. Os Pensadores. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

Abah Andrade é poeta, ensaísta e professor de filosofia na UFPB. Autor, dentre outros, de *O fazedor de véus. Poemas reunidos. 30 anos de poesia*. João Pessoa: Rubaiyat, 2022. Mora em João Pessoa, Paraíba.

Lucas de Lima Cavalcanti Gonçalves é mestre em filosofia pela UFPB e professor da rede estadual de ensino. Autor de *A espiritualidade da matéria. O pampsiquismo trágico de Augusto dos Anjos*. Foz de Iguaçu: Hímeros Editorial, 2022. Mora em João Pessoa, Paraíba.

Rogério Trindade é doutorando em filosofia pela Universidade Autônoma de Barcelona e autor do livro *Retorno e abertura: a perspectiva como forma*. Foz de Iguaçu: Hímeros Editorial, 2022. Mora em Barcelona, na Espanha.



Café Concerto

(A MISSA DO GALO)

Luiz Augusto Paiva

Especial para o *Correio das Artes*

*E por não se lembrar de acalantos
A pobre mulher, me ninava
Cantando cantigas de cabaré*
Chico Buarque

Era um tempo em que eu, de tão pequenino, não percebera que naquela casa o amor e o ódio entravam juntos pela mesma janela. E não sei bem precisar qual desses desconcertantes sentimentos prostrou de febre intensa na minha mãe, Zenaide, e lhe encurtou a vida, quando eu ainda não sabia derramar lágrimas por desígnios de tais emoções. Dela pouco ou nada saberia, não fosse um retrato, já em cor de pátina, onde ela e o Almirante Meneses sorriam de felicidade e culpa.

► Dizia-me tia Lucinda que o Almirante seria meu pai e eu dele herdara o gosto e a paixão em desafiar as dificuldades da vida. Nunca soube dos meus, que não minha mãe e tia Lucinda. Vieram para aquele casarão na Rua da Areia, onde Pablo Sanches lhes gerenciava a arte do amor; e ali, os homens vinham alugar-lhes o afeto efêmero.

Contou-me tia Lucinda ter sido vultosa a soma que o Almirante destinara a Pablo Sanches para o espanhol tolerar minha mãe na gravidez, no resguardo e me proporcionar o conforto dos primeiros dias. À minha mãe, comprara o segredo. Impagáveis, a saudade e a desesperança, mataram minha mãe quando eu mal completara meu primeiro ano de vida.

Do que me chega à memória dos meus primeiros tempos estão sempre os folguedos de Pablito, galho bastardo do proprietário e da decadente Emerenciana, transferida para “outros serviços”, pois o tempo roubara-lhe os encantos, deu-lhe um filho e a intolerância do espanhol. Pablito dividia comigo os brinquedos e os carinhos da boa Emerenciana, que nos emprestava sua vigília noturna, ocultando-nos em seus aposentos, para que as luzes coloridas do casarão e o som mágico do gramofone invadissem o palacete, o coração dos homens, das mulheres, os meus sonhos e os de Pablito.

Durante o dia, eu e Pablito governávamos o mundo. As mulheres cansadas da noite, davam-nos o que lhes restasse de afeto. Recolhiam as ilusões maternas, irremediavelmente adiadas, e nos cobriam com suas esperanças mais secretas.

Tia Lucinda e Emerenciana nos escondiam quando ciúme extrapolava à paixão; então, ódio e lágrimas invadiam aqueles domínios. Não eram raros os momentos em que eu e Pablito sentíamos os descompassos do coração, as mulheres, o medo, e uma cena de violência maculava leitões e salões.

Foi num domingo de janeiro que Tia Lucinda levou-me com Pablito à Bica e, depois, a um circo que se instalara em Tambiá. Muito nos marcaria aquela

função. Quanto a mim, impressionou-me as pândegas de dois palhaços hilariantes e a Pablito, um ursinho amestrado, cujo desempenho no picadeiro seduziria o coração do meu amigo. Sedução tão poderosa que, dias a fio, Pablito cobraria de Emerenciana a aquisição de um urso pequenino para dividir conosco o quintal, nossos esconderijos e os carinhos de tia Lucinda.

A boa Emerenciana, para escapar às súplicas do menino, prometia sempre trazer o desejado ursinho de Pablito, assim que fosse visitar amigos em Cabedelo... Eu e meu camaradinha acreditávamos que ela o faria. As mulheres riam com as promessas de nossa protetora.

Não raro, tia Lucinda vestia-me de marinheiro, leva-me para passeios na Lagoa e falava-me do Almirante Meneses com o respeito devido aos homens que se entregam às grandes paixões. Eu ficava imaginando um navio para que meu pai me levasse ao Rio de Janeiro. Noutros momentos, sonhava que ele me desse as mãos pelas ruas do Varadouro, para que os meninos dos casarões, que andavam de bicicletas pela calçada, nos vissem em nossos trajes de marujos.

Aquele ano ia chegando ao fim quando tia Lucinda disse-me que, no Natal, iríamos com o Almirante à Missa do Galo na Catedral das Neves, se eu não lhe desse trabalho e não provocasse a ira do espanhol.

Éramos protegidos e tristes. Acho mesmo que Pablo Sanches não nos tolerava. Aceitava-nos para contentar as cortesãs. Jamais o surpreendi num gesto de ternura, e mesmo Pablito não pensava dele como eu pensava do Almirante.

Tia Lucinda nos dedicava afetos e presentes; Emerenciana, seu carinho, e alguns homens, que o

Sol surpreendia desavisados e exaustos do amor, emprestavam-nos seus sorrisos amanhecidos e concediam vinténs para nossas mariolas.

Assim chegamos à véspera do Natal. Desde a manhã, Pablo Sanches revirava a casa à cata de um envelope, onde, segundo ele, estavam quatro contos de réis. Reclamava por Emerenciana e o ódio o transfigurara.

Tia Lucinda, sempre jeitosa, comunicara-lhe que Emerenciana fora a Cabedelo para trazer a Pablito o que de longa data vinha prometendo. O espanhol apenas respondia aos brados, coisas do calão que eu, àquela data, ainda desconhecia. Tia Lucinda nos recolheu e eu via Pablito trêmulo e confuso na esperança de acolher seu mascote, beijar Emerenciana e driblar a vigilância de Pablo Sanches.

À noite, resistimos ao sono à espera da missa. Quando a ceia posta, ouvimos Emerenciana, descuidada, adentrando à propriedade, gritando por Pablito. Pai e filho ganharam o quintal. Nesse instante, o céu derramou sobre os três, pungente, toda força do ódio e do amor. À mesa, calaram-se todos. Só depois de dois estampidos, saímos do torpor.

Assomava-se à porta uma figura imponente e grisalha. Acabara de tirar um revólver da mão de Pablo Sanches. Obstaculou-me o caminho, levando-me ao colo para eu não presenciar a cena. Abraçou-me num misto de perplexidade e ternura, apertando-me ao peito com sua pesada mão de almirante.

No quintal, o corpo de Emerenciana abraçado ao de Pablito, e Pablito, ao ursinho de tafetá marrom que a pobre mulher encomendara em Cabedelo da costureira que fizera seu vestido de primeira comunhão. ◀

Luiz Augusto Paiva é, atualmente, presidente da União Brasileira de Escritores - seção da Paraíba. Tem livros publicados de Contos (*A Saudade e outras Manias do Coração*, *37 Não é Febre*) e de crônicas (*O Chapéu do Meu Avô* e *O coturno e as Margaridas*). Participou e organizou diversas antologias. Colabora semanalmente como colunista no *Jornal A União* e eventualmente com o *Correio das Artes*. Tem formação acadêmica em Matemática.

Mistérios há de pintar

Em memória de Gal Costa

Quando não estava costurando, lia. Sequer concluiu o ensino secundário por duas razões: o gosto pela costura e pela moda e a necessidade mais urgente de sair da casa dos pais, de se manter sozinha e ser livre.

A sua compulsão pelos livros (literatura e filosofia principalmente), originada ainda na adolescência, acompanharia Paula por toda a vida. Tinha uma bagagem de leitura que a colocava em pé de igualdade com os diplomas que Beбето acumulou na vida. Além disso, falava o espanhol, impecavelmente. Cria que a literatura era o melhor instrumento para acessar as complexidades humanas. Exercia a empatia como poucos e isso devia à literatura que lia. Tinha verdadeira obsessão pelo ficcional e pelo real ficcionalizado nos romances históricos que devorava.

Lia muito sobre astrologia, também. Ao contrário do Esteves da "Tabacaria", Paula tinha metafísica e gostava de tudo que tivesse um ar esotérico. Explorava esse tema até nas roupas que costurava para si: nos modelos, nas cores e nas estampas. Bonita Paula com suas longas saias de crepe indiano em vários tons de azul. Quando conheceu Beбето, a primeira coisa que chamou a atenção dela foi ele ser, como ela, aquariano e, conforme se fala na astrologia dita séria, o encontro de dois aquarianos em uma relação amorosa significa uma promessa de revolução: a possibilidade de invenção de uma nova maneira de amar. Cria nisso.

Antes de se relacionar com Beбето, Paula tinha experienciado uma complexa e vivificante história com um poeta espanhol, um desses aventureiros que vivem pelo mundo e que não querem mais voltar para

sua terra. Ficaram muito amigos, passaram a morar juntos e compartilhar vida íntima. O cara, na verdade, era gay e se casou com ela, apenas, para obter a dupla nacionalidade. Mas a intimidade ia aumentando e ficando cada vez mais íntima, ao passo que eles iam se divertindo muito na amizade que construía e na cumplicidade que se desenhava em torno deles. Tudo muito sincero, no coração e na pele, sem ciúme nem neura. Um certo dia, porém, o espanhol revelou que não poderia mais morar com ela. Tinha se apaixonado pelo rapaz da loja de discos, num daqueles encontros na casa e na cama de ambos. Não houve drama. A costureira organizou o casamento do amigo. Fez as roupas dos noivos e o vestido mais bonito pra ela. Cantaram e dançaram juntos a música que marcava aquele novo amor: *Se eu sou algo incompreensível, meu Deus é mais*. Paula saiu da vida do casal recém-casado e se abandonou na vida. Meses depois conheceu Beбето.

Com Beбето, a conversa e a intimidade eram outras. Diferentes na qualidade e no método. Era excepcional. Resolveram morar juntos e dividir a vida doméstica, reflexões filosóficas e sobre literatura e a política da época, os sofrimentos. Eram tempos de abertura, de redemocratização. E Paula, pelas roupas que fazia, ia ilustrando, de alguma forma, um chão histórico e social, a vida de um país que se apresentava como uma promessa.

Agora já era possível falar abertamente, mas havia um vazio que ocupava seus corações e, para se sentirem



plenos, eram um tanto anacrônicos: alimentavam sonhos juvenis, nas palavras de ordem estampadas nas camisetas dele e nas roupas que ela fazia e usava. Eram remanescentes. Adoravam as mesmas coisas. Combinavam-se na vida. Mas na cama o amor era contrariado, menos pelos desejos de Beбето do que pela maneira de ser de Paula da forma como passou a se compreender: um "sexo equívoco". Ainda assim se amavam.

De Beбето, Paula gostava da doçura com que a tratava e, acima de tudo, dos sonhos de mudança, da utopia de que se alimentava, do intelectual que era. A conversa era afrodisíaca, mas não para levá-los à cama numa forma convencional. Era outro prazer; outro gozo. E assim seguiam seus dias: falando poemas, ele a chamando de "meu coraçãozinho de seda azul", referindo-se às saias, e ela, citando o macunaímico herói sem nenhum caráter, referia-se a Beбето como "meu coraçãozinho dos outros".

Seguiam se enredando numa relação matrimonial de amor sem sexo, que ia se criando, à revelia de ambos, um espaço de vazio significativo porque sofrido: para ele porque contrariava os desejos; para ela porque era a contrariedade em pessoa. Acertaram os juízos (para não dizer os ponteiros): o coração de Beбето seria de outras... o de Paula, mistério. ❖

Analice Pereira é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção. Mora em João Pessoa (PB).

Foto: Maurício Valladares/Divulgação



'Selvagem':

ANALISANDO OS PARALAMAS...

Rodrigo Falcão

Especial para o *Correio das Artes*

O ano era 1986. Na época que a música 'Selvagem' foi composta, o então presidente José Sarney censurava o filme de Jean-Luc Godard, 'Je vous salue, Marie'. Trinta e seis anos depois, a letra da música de Herbert Vianna continua atual. Lançada no disco homônimo dos Paralamas do Sucesso no corrente ano, a música é uma resposta aos resquícios do conservadorismo da ditadura mesmo depois do Brasil ter tido o movimento Diretas Já*.

**Diretas Já foi um movimento político de cunho popular que teve como objetivo a retomada das eleições diretas ao cargo de Presidente da República, durante a ditadura militar brasileira.*

Selvagem

Herbert Vianna / Bi Ribeiro / João Barone

A polícia apresenta suas armas
Escudos transparentes, capacetes reluzentes
E a determinação de manter tudo
Em seu lugar

O governo apresenta as suas armas
Discurso reticente, novidade inconsistente
E a liberdade cai por terra
Aos pés de um filme de Godard

A cidade apresenta suas armas
Meninos nos sinais, mendigos pelos cantos
E o espanto está nos olhos de quem vê
O grande monstro a se criar

Os negros apresentam suas armas
As costas marcadas, as mãos calejadas
E a esperteza que só tem quem tá
Cansado de apanhar



Acesso o QR Code acima e ouça 'Selvagem' na interpretação dos Paralamas

COMPREENSÃO:

O eu lírico retrata a violência da polícia contra manifestações democráticas, criando a falsa imagem de uma instituição com o lema de "servir e proteger", ou seja, no contexto citado, a polícia se mostra como opressora. Exemplo: "A polícia apresenta suas armas / Escudos transparentes, capacetes reluzentes / E a determinação / De manter tudo em seu lugar".

Na sequência, o eu lírico cita o discurso repressivo da lei e ordem a partir de um governo que não expressa completamente seu pensamento, sem coesão. Ao citar a falta de liberdade, o eu lírico exemplifica a proibição de um filme de Godard, cineasta, roteirista e crítico de cinema franco-suíço que ganhou destaque como pioneiro de filmes franceses da Nouvelle Vague dos anos 1960. Exemplo: "O governo apresenta suas armas / Discurso reticente, novidade inconsistente / E a liberdade cai por terra / Aos pés de um filme de Godard".

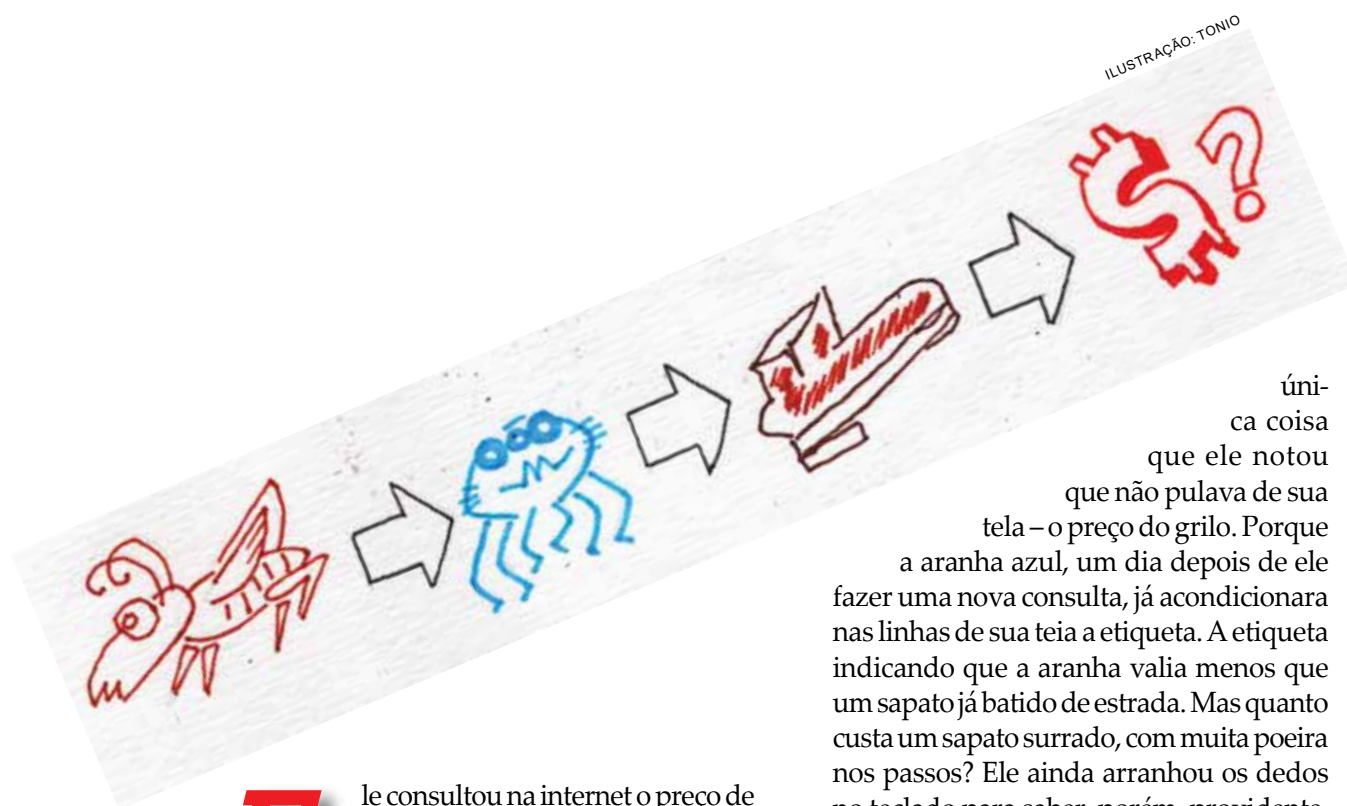
A crise econômica é exposta de forma escancarada na cidade, apresentando uma sociedade perplexa que se vê diante do caos, ou seja, cria-se um "monstro" diante de seus olhos, gerando mais crise (o monstro metaforiza a fome, a miséria e a desigualdade social). Exemplo: "Meninos nos sinais, mendigos pelos cantos / E o espanto está nos olhos de quem vê / O grande monstro a se criar".

No final, o eu lírico faz uma analogia dos negros cansados de apanhar como o retrato de um país racista desde os tempos de Brasil Colônia, ao mesmo tempo, retrata as dificuldades do trabalhador negro e pobre que mora em comunidade, que, ao sofrer, fica mais atento diante das vicissitudes da vida. Exemplo: "Os negros apresentam suas armas / As costas marcadas, as mãos calejadas / E a esperteza que só tem / Quem tá cansado de apanhar".

Rodrigo Falcão é professor de língua portuguesa, crítico musical e foi colonista da Tabajara FM com o quadro 'Eu Lírico' (2017-2018). Mora em João Pessoa (PB).



Sobre grilos e sapatos



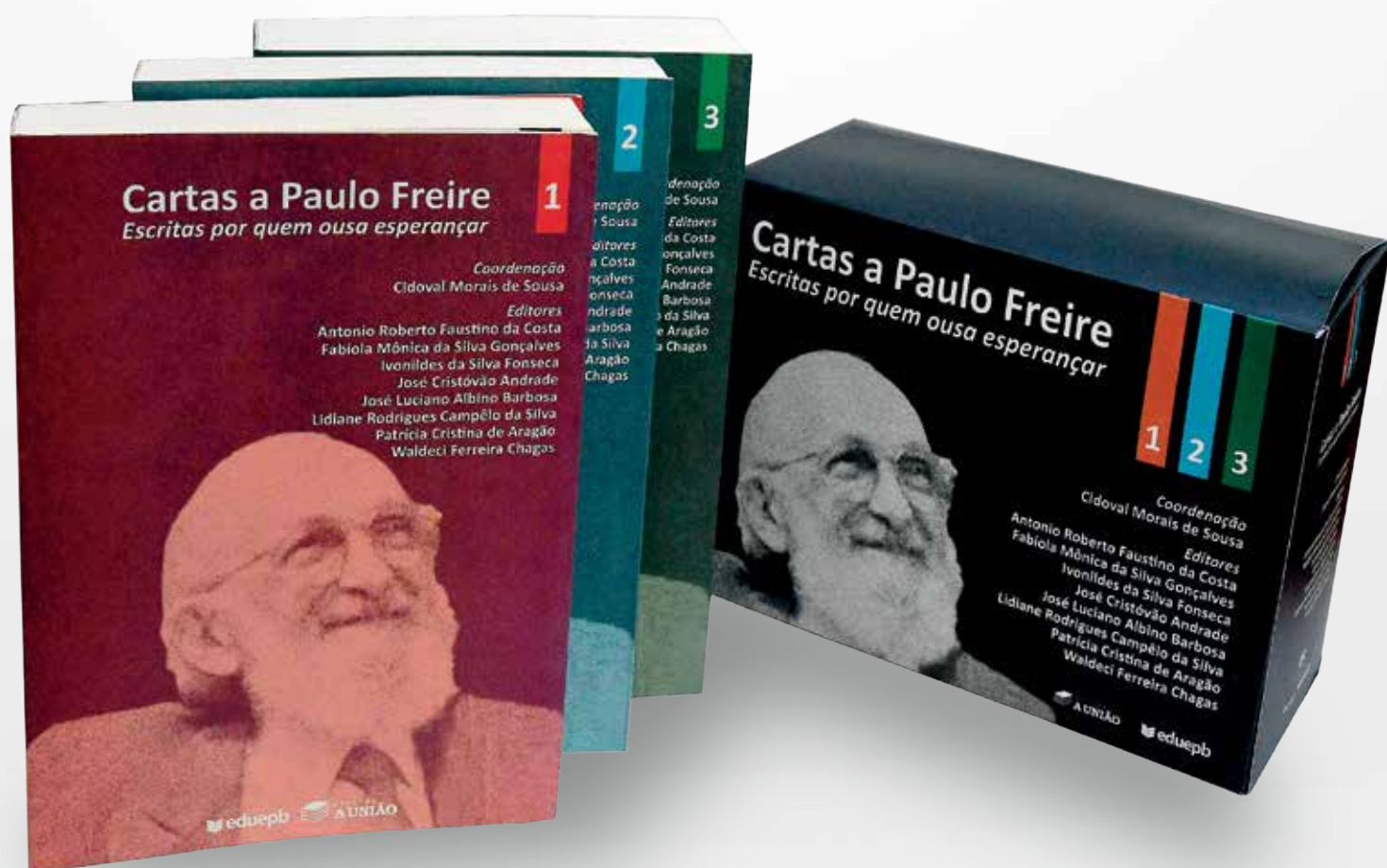
Ele consultou na internet o preço de um grilo. E foi só abrir a sua rede social – e choveu grilo de todo corpo e casca em sua tela. Uma madrugada falou alto no ouvido do celular – aranha azul! E, de manhã, só teve tempo de abrir sua rede social – e lá estava uma aranha, caneta intrépida, rabiscando seus azuis. Uma aranha arrastando sua cor com pernonas raspadas. Foi a

única coisa que ele notou que não pulava de sua tela – o preço do grilo. Porque a aranha azul, um dia depois de ele fazer uma nova consulta, já acondicionara nas linhas de sua teia a etiqueta. A etiqueta indicando que a aranha valia menos que um sapato já batido de estrada. Mas quanto custa um sapato surrado, com muita poeira nos passos? Ele ainda arranhou os dedos no teclado para saber, porém, providente, parou de súbito o gesto. Não, sapato não! Pois uma sapataria lhe seria derramada no próprio quarto de hora em hora. ❖

Rinaldo de Fernandes
é escritor, crítico de literatura e professor da
Universidade Federal da Paraíba.
Mora em João Pessoa (PB).

1º Lugar Prêmio ABEU, na categoria Ciências Humanas

A trilogia *Cartas a Paulo Freire*, coordenado pelo professor Cidival Morais, é uma produção resultante da parceria entre a Editora A União e a EDUEPB, dentro das homenagens do centenário do educador, escritor e filósofo que lançou as bases de uma educação libertadora.



Escritas por quem ousa esperar, escrito para você!

Adquira o Box. (83) 98855.3199

@editoraauniao



*Transformando vidas
pela música*

Escola de
Música Sesc
Dom Ulrico

Sesc
Fecomércio
Senac